

UMA CONVERSA ATEMPORAL: PROSEANDO COM ANTÔNIO AMAURY CORRÊA DE ARAÚJO

No dia 10 de julho de 2012, lá se vão 11 anos, recebemos no Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC/UNEB, aquele que era considerado o mais importante pesquisador brasileiro sobre o cangaço, o Dr. Antonio Amaury Corrêa de Araújo, o qual demonstrando boa vontade e, porque não dizer, notável entusiasmo, iria nos conceder uma entrevista para o documentário “Feminino Cangaço”, sobre seu tema preferencial, diríamos mesmo rotineiro. Participavam também do encontro, além de Lucas Viana e eu, Carlos Elydio Corrêa de Araújo, filho do nosso convidado, e o capitão Raimundo Marins – hoje Tenente Coronel da Polícia Militar da Bahia -, historiador e pesquisador do assunto.

Já naqueles dias Antonio Amaury já era uma figura lendária, pelos seus mais de 50 anos de pesquisas e volumosa produção historiográfica, baseadas em centenas de entrevistas, consultas documentais e incontáveis viagens aos cenários de combates entre os bandos cangaceiros e as Forças Policiais que confrontavam nas caatingas nordestinas. Narrava sua experiência com paixão intensa e naturalmente alguma exaltação quando o debate esquentava. Era dono de uma prosa pegajosa, cativante, daquelas que os ouvintes não conseguem se alheiar, dado ao fervor e segurança com que contava suas histórias. Ouviu gente de todo lado: Ex- cangaceiros, chefes e cabras comuns, policiais aposentados, da menor a maior patente, pôs luz sobre as mulheres, coiteiros, rastejadores, poetas e tantos outros investigadores e participantes dos episódios passados. Nos dava a impressão onírica de uma onipresença pontualíssima, em qualquer lugarejo, povoado, cidades grandes e médias, onde o cangaço e suas derivações, entrelaçamentos teóricos e factuais estivessem em discussão, isto porque seu nome sua obra e sua figura humana eram sempre referidos.

Essa entrevista que ora apresentamos aos leitores da ‘Cangaço em Revista’, Vol. 2, corrida mais de uma década da sua gravação, resolvemos transcrevê-la e editá-la, considerando que a presente publicação, celebra e homenageia a memória do querido mestre, nascido, paulista, em 1934 e falecido em 2021, no mesmo estado. O texto escrito nos revelou o legado imperecível deixado por esse paulistano do interior, seduzido para todo sempre pelos sertões nordestinos, como se tivesse “enterrado o umbigo”, naqueles territórios por vezes inóspitos, com seus personagens e acontecimentos incomuns e

assinalados por uma violência advinda dos tempos arcaicos desse Brasil plural e desafiador, isto para não falar da natureza hostil, aos estranhos a ela.

Muitos são os atrativos que os leitores de uma maneira geral encontrarão nessa conversa, agora textual. No entanto, para pesquisadores e estudiosos, estudantes em produção de trabalhos de conclusão de cursos em nível de graduação, na escritura de dissertações de mestrado e teses de doutoramento e especializações acadêmicas, o texto é um prato cheio e variado. Destaco em meio a muitas afirmações inéditas ou pouco divulgadas dois momentos especiais: um no qual ele relata seus encontros pessoais e a troca de correspondências com Sinhô Pereira – Sebastião Pereira da Silva; o outro as gravações realizadas com Sila, Dulce, Aristéia, estas cangaceiras, como também, com dona Mocinha, irmã de Virgulino Ferreira. Cita nomes como o de Corisco Preto personagem desconhecido, - todavia identificado por nós - para renomados pesquisadores que consultamos, assim como de um certo Concriz, o qual permanece sendo uma incógnita, pois apesar de todos os esforços nada encontramos sobre ele. Não passam despercebidas suas discordâncias com os professores e escritores Frederico Pernambucano de Melo e Luitgarde Cavalcanti Barros, estudiosos renomados e reconhecidos nacionalmente da saga cangaceirista e da história popular do Nordeste. Meticuloso nos seus trabalhos de campo, indagava de um e de outro, anotava nas suas famosas cadernetas, ou seja, realizava averiguações exaustivas para sanar suas dúvidas e hesitações.

Para finalizar queremos agradecer ao filho e atual tutor do acervo fabuloso deixado por Amaury, o sempre amável Carlos Elydio Corrêa de Araújo, que nos atendeu habitualmente com presteza, cuidados e sincera boa vontade, nas inúmeras vezes que por Whatsapp ou telefone o requisitamos para esclarecer pontos obscuros, os quais, sozinhos não conseguíamos decodificar no processo de transcrição e edição. Além de nos liberar fotos do acervo familiar para usarmos na capa da publicação.

Aliás, nesse processo de transcrever e editar a fala sonora do entrevistado, cuidaram Lucas Viana e Manoel Neto. Ciosos da tarefa dolorosa, mas, sobremaneira, zelosa, para corrigir trechos e suprimir repetições do próprio Amaury, assim como perguntas longas e reincidentes, com o rigor e a ética inegociáveis de preservar o pensamento daquele que nos confiou generosamente seu testemunho histórico.

Não esquecemos também o apoio inestimável de dos escritores, homens de pesquisa e amigos, Angelo Osmiro, Luiz Rubem Bonfim, Zé Bezerra Lima Irmão e Miguel Teles. Foram sempre obsequiosos em nos atender, disponibilizando informações e seus arquivos particulares, nos enviando uma valiosa coleção de fotos do velho pesquisador.

Em todos que estiveram envolvidos nesta modesta tarefa, dado a grandeza do homenageado, percebemos um sentimento profundo de saudade e uma consciência concreta da falta que Amaury nos faz e fará sempre, apenas dois anos após sua viagem rumo as caatingas celestiais, se é que elas existem, contudo, se elas existirem ele as encontrará!

Manoel Neto

MANOEL NETO: *Amaury, bom dia. Primeiro é agradecer sua presença, sua disponibilidade e de Carlos Elydio, dizendo da honra imensa que nós temos com sua visita e com a sua participação no documentário. A primeira pergunta que me vem é a seguinte: Foi você que foi ao cangaço ou o cangaço que foi até você?*

ANTONIO AMAURY: Olha, para falar a verdade, eu sempre tive, eu digo sempre, porque eu comecei pequeno o interesse em saber quem foram os cangaceiros, quem foi Lampião, quem foi Maria. Eu morava em Araraquara, um lugar que não tem nada a ver com cangaço, centro do estado de São Paulo. Eu procurava encontrar revistas, jornais, fontes de informação sobre o assunto. Isso depois que eu fui despertado para o tema, quando eu tinha 14 para 15 anos. A partir daí, até hoje, eu estou tentando encontrar respostas. Eu acho que foi um acaso que me levou a isso. Na verdade, foi um acaso, porque eu deveria está pensando em bandeirantes, em revolução de 1932¹, eu não tinha nada que me meter com a vida de Lampião.

MN: *Essas informações sobre cangaço, cangaceiros, Nordeste, elas chegavam até você como?*

AA: Quando eu estava em Araraquara, olha, chegavam a conta-gotas através de algumas raríssimas informações em jornais. Nem as revistas não falavam mais em Lampião, a não ser a partir do ano de 1953, quando a revista O Cruzeiro, a falecida O Cruzeiro, teve uma

¹ Revolução Constitucionalista de São Paulo. Sublevação contra o Governo Vargas.

série de reportagens com Luciano Carneiro², que visitou a família de Lampião e levou João Ferreira, irmão de Lampião, até Angico e até locais onde Lampião havia andado.

MN: *Bom, então essas informações, ainda que esparsas e pequenas, chegavam até você em Araraquara?*

AA: Certo.

MN: *Mas você veio para São Paulo?*

AA: Exatamente. Quando eu me formei em odontologia, era o caminho de todo jovem de profissões liberais, era tentar vir para São Paulo, onde a possibilidade de ganhos pecuniários era maior. E eu não escapei a regra, eu fui para São Paulo. Para mim foi uma felicidade, porque eu fui trabalhar na Companhia de Gás de São Paulo, no Sindicato dos Gasistas³. E no meu cargo como dentista, eu tinha um acesso enorme as pessoas que procuravam o consultório. Quando entrava uma pessoa, eu olhava.- “De onde você é?” – “Sou da Bahia, sou de Pernambuco”. Eu olhava a idade, vamos dizer, se fosse um rapaz de 20 anos, provavelmente não tinha informações relevantes. Se era uma pessoa de 40, 50, aí eu já: - “Escuta, de onde você é?” – “Ah, doutor, sou de um lugar que o senhor nunca ouviu falar” – “Mas de onde?”. Eu falava:- “Lampião passou por lá”. Então o cara: - “Ah, o senhor sabe do caso?”. Aí o cara se abria e começava a contar. Muitas vezes me convidavam para ir para a casa dele, no sábado ou no domingo, para conversar com o vizinho, com o parente, aí o cara lembrava: - “Oh, tem o beltrano que encontrou Lampião em tal ocasião”. E era desse jeito.

MN: *Quer dizer, as fontes orais foram...*

AA: Primordiais, para mim foram primordiais. Eu fiz mais de 7 mil entrevistas. Hoje é uma entrevista, eu coloco como uma entrevista o que nós estamos fazendo aqui, porque eu ouço do Capitão Marins uma informação, ouço do Lucas, ouço do Manoel Neto e eu vou colocando aquilo no meu arquivo de memória.

MN: *Bom, as fontes orais eram iniciáticas, sem dúvida. E quais são as suas primeiras leituras mais organizadas sobre o cangaço?*

² Luciano Carneiro (1926-1959). Repórter da cearense que faleceu precocemente aos 33 anos. Apesar do pouco tempo de vida, tornou-se um dos mais importantes e conhecidos jornalistas do seu tempo.

³ Trabalhadores das empresas distribuidoras de Gás.

AA: O primeiro livro que eu li foi o de Optato Gueiros⁴ e também o de Ranulfo Prata.⁵ O de Ranulfo Prata, Lampião teve ele em mãos. Lampião leu aquilo e ficou pê da vida, porque constava umas coisas que na verdade não eram abonadoras a ele, inclusive de sua família. Dizia, por exemplo, que João Ferreira não entrou para o cangaço porque era débil mental. João Ferreira, irmão de Lampião, foi meu hóspede, ficou 23 dias na minha casa. Não tinha nada de anormalidade mental. Eu fui criando a imagem diferente daquela que os livros traziam de um sujeito que andava no mato, acompanhado por alguns assassinos, procurando a quem matar, procurando mulheres para serem estupradas. E na verdade, as pessoas que conviveram com ele contavam a mim uma história muito diferente: – “Lampião chegou lá em casa, tratou todo mundo muito bem, comeu, foi embora, aí veio a volante... e aí que o negócio foi feio”. E contavam episódios que denegriam a imagem da Força.

MN: *Tem uma coisa curiosa na história do cangaceirismo anterior a Lampião. Antes haviam os bandos. Eles aumentavam em determinados períodos, por exemplo, nas grandes secas, o banditismo cresce em determinadas regiões do Nordeste. Lampião, antes de se tornar chefe de grupo, integrou o bando de “Sinhô Pereira”⁶. E houve antes dele, Antônio Silvino⁷, o Jesuíno Brilhante⁸. Como é que você analisa isso?*

AA: Eu analiso da seguinte forma, a única conotação entre seca e cangaço, eu encontraria em Jesuíno Brilhante. Na época de Lampião isso não existiu de forma alguma. Nunca entrou um cangaceiro por causa de seca, na época de Lampião. Na época do Sinhô Pereira também não, porque o problema dele era familiar, era uma luta entre a família Pereira e a família Carvalho. Sinhô Pereira eu conheci melhor do que qualquer outro pesquisador, porque eu fui três vezes conversar pessoalmente com ele, uma das vezes eu fiquei três dias, a outra dois e a outra um, e mantive correspondência com ele através de cartas. Olha, basta dizer que ele era sobrinho neto de um Barão – Barão de Pajeú⁹ - ele não era um “zé ninguém”, a família era uma família abonada. Chegou a ter pessoas da família no governo de Pernambuco. O problema deles era problemas familiares, lutas de família. Agora

⁴ Oficial da Polícia Militar, autor do livro “Lampeão – Memórias de um Ex-Oficial das Forças Volantes” publicado em 1953. Participou também da violenta repressão ao Movimento de Pau-de-Colher, na Bahia, em 1938.

⁵ Ranulfo Prata (1896 -1942). Sergipano de Lagarto, médico e escritor. Contribuiu com a bibliografia do cangaço, nos legando uma obra hoje clássica: “Lampião”, vinda a lume em 1934.

⁶ Sebastião Pereira da Silva (1896-1979). Sinhô Pereira. Nome dos mais expressivos da saga cangaceira, tendo sido chefe de Lampião, que tinha por ele respeito e admiração. Era de família ilustre do sertão.

⁷ Manoel Baptista de Moraes, Antonio Silvino (1875-1944). O último grande nome do cangaço pré-lampião. Foi uma celebridade e sua prisão causou grande repercussão quando ocorreu.

⁸ Jesuíno Alves de Melo Calado (1844-1879). Jesuíno Brilhante. Nascido em Patu, Rio Grande do Norte. Antecede Lampião, Antonio Silvino e outros cangaceiros famosos. Tinha fama de justiceiro e protetor dos pobres.

⁹ Inserção nossa.

cangaceiro com problema de seca, entrar por seca eu desconheço, a não ser esse que eu citei, o Jesuíno Brilhante, mas da época de Lampião não.

MN: Eu não falo da época de Lampião, em verdade eu me referi ao banditismo, não especificamente ao cangaceiro. Na época de Lampião você tem muito mais informações.

AA: Teve seca, claro, teve a de 1915, teve a de 1932. Olha, a de 15 nós podemos, vamos dizer que forçando um pouco, nós podemos dizer que Lampião é fruto da seca de 15. Forçando um pouco. A família de Lampião, no ano de 1915, foi até o Juazeiro do Padre Cícero. Provavelmente pelas dificuldades que encontravam com a seca, foram lá visitar o Padre, pedir a bênção, qualquer coisa. Dos irmãos, ficou um lá na fazenda para cuidar dos animais. Nós fizemos os cálculos, eu e o irmão de Lampião, João Ferreira, e ele disse que ou foi Antônio Ferreira, ou foi Lampião quem ficou. Mas não tem uma afirmativa, taxativa, foi fulano. Pois bem, o que aconteceu? Roubaram alguns animais por causa da carne. O que tinha valor naqueles tempos, que foi implantado por Delmiro Gouveia¹⁰, era o couro. Ele comprava o couro e enviava para a Europa, o Delmiro Gouveia. Mas o ladrão não fez por motivação econômica, fez por necessidade alimentar. Ele roubou os bodes, os cabritos lá, e matou, usou a carne e colocou dentro de um buraco, um fojo, dentro da cozinha, pôs um pilão em cima para esconder as peles, que depois quando a família percebeu que tinha sumido e tal, começaram a procurar, acabaram encontrando na casa desse morador, era João Caboclo, empregado de Zé de Saturnino. José Alves de Barros era o pai de Zé Saturnino. O empregado dele foi quem roubou. O pai de Lampião, quando os filhos descobriram as peles, o pai de Lampião se dirigiu ao vizinho, que era José Alves de Barros, e disse que estava sendo furtado por aquele morador. O filho, que era o Zé de Saturnino, falou que era invenção, quer dizer, acobertou o roubo do funcionário, do empregado. E aí começou a encrenca. Aí ele começou a acusar ao vivo, isso aí pessoas presenciaram, João Ferreira presenciou e Dona Mocinha, que morreu agora no mês de fevereiro de 2012, também assistiu. Porque ela diz que quando o pessoal retornava das frequentes viagens, eles levavam uma cachorrinha na companhia deles, o pai e os irmãos.

E essa cachorra, quando se aproximava a 500 metros ou 1000 metros, ela saltava de cima dos animais onde ela viajava e corria na frente do pessoal, fazendo festa com a família. Então quando eles viam a cachorra chegar, sabiam que os irmãos e o pai estavam se aproximando. Quando viram, o pessoal chegou, ao mesmo tempo chegou o Zé de Saturnino e dois capangas com a acusação de que Virgulino tinha furtado o chocalho de uma criação do vizinho. Lampião falou: -“Não, eu comprei isso aqui em Arco Verde” -“Não, roubou, roubou”, aquela discussão boba, roubou, não roubou, roubou, não roubou. -“Isso daqui é meu e para acabar a conversa...”, Lampião, eu cito Lampião, mas era Virgulino ainda, Lampião pegou duas pedras, amassou e falou: -“Nem para mim, nem para ti, Zé Chocalho”.

¹⁰ Delmiro Augusto da Cruz Gouveia (1863-1917). Empresário nordestino, nascido no Ceará. Rico e poderoso, inovador, granjeou poderosa concorrência e inimigos políticos. Morreu assassinado em 10/10/1917, crime nunca satisfatoriamente esclarecido.

A partir desse dia, ele começou a chamar, ele começou e os irmãos acompanharam, a chamar Zé Saturnino de Zé Chocalho e Zé Muié, porque ele com os dois comparsas, ele se retirou. Então, isso daí, alguém pode contestar, qualquer pessoa pode contestar. Eu tenho como verdade, porque eu recebi as informações de pessoas que estavam presentes, que eram o irmão e a irmã de Lampião.

MN: *Quando é que Virgulino passa a Lampião?*

AA: Foi logo depois desses episódios, porque isso daí que eu estou falando, aconteceu no ano de 1916, 1917. Em 17 foi pior, porque enquanto os velhos, o pai de Saturnino e o pai de Lampião, se entendiam, acalmavam o negócio. Mas em 17 morreu o velho José Alves de Barros e Zé Saturnino, herdeiro, tomou as rédeas da questão e aí complicou realmente muito. Passaram a acontecer tiroteios, perseguições, e nesse vai e vem, ele conseguiu fazer com que a família de Lampião mudasse de estado, mudasse de Pernambuco para Alagoas. Eles tinham sido convidados pelo Antônio Matilde. Antônio Matilde era casado com uma parenta da mãe de Lampião. Quando houve esse casamento, aproximou muito mais Antônio Matilde da família dos Ferreira. Ele foi preso, Zé Saturnino colocou cela no Antônio Matilde, montou, humilhou, prenderam, ele ficou uma semana preso em Vila Bela, que é a Serra Talhada. Quando ele saiu, ele saiu derrotado. Dizem que tirou o chapéu e falou: - “Adeus Vila Bela, não volto mais aqui”, e se retirou, foi procurar um casal que tinha criado ele, que era da família Pereira. E esse pessoal, inclusive antes dele se retirar, ele ficou uns tempos ali e depois foi para Alagoas para a companhia do Coronel Ulisses Luna, que era um coronel muito famoso, que deu muita cobertura para cangaceiros. Mas antes dele fazer essa viagem, ele procurou na Fazenda Bela Vista, ele procurou a Neco Valões e a esposa dele para se despedir e contou o porquê que ele ia embora, que tinha sido humilhado e que ia para Alagoas. E convidou os Ferreira para se deslocarem, para mudarem para esse estado também. E quando aconteceram esses episódios com Virgulino, com a família dele, o pessoal resolveu, o velho resolveu mudar para Alagoas para evitar, porque aquilo vinha num crescendo, ele percebeu que logo ia ter morte, tudo isso, e ele quis evitar. Só que o velho, as informações são dos inimigos, o pessoal de Nazaré foi quem, eu tenho gravado o pessoal de Nazaré contando o que eu vou dizer.

O velho Zé Ferreira era uma pessoa decente, o pai de Lampião, e que evitava de todas as formas o confronto. Ele tirava as armas dos filhos na porta da frente e a mulher dele, Dona Maria, entregava as armas na porta da cozinha. Então ela empurrou inconscientemente os filhos para esse confronto. A afirmação dela é que ela não tinha filho para ficar no caritó¹¹. Bom, essas colocações foram confirmadas pelas pessoas, até pelo João Ferreira, quer dizer, ele fala, colocando a verdade, ele até joga a mãe numa situação problemática, como sendo estimuladora. O pai, dizem que era contrário às brigas. Tem uma versão, pelo menos eu li

¹¹ Caritó – Espécie de prateleira rústica existentes nas antigas casas sertanejas. No caso a mãe de Lampião, queria afirmar que não tinha filhos para que ficassem recolhidos em casa.

uma que é defendida até por Luitgarde Barros no livro “Lampião X Nazarenos: A Última Gesta do Sertão”, que você conhece bem, em que ela diz que Lampião já participava de assalto, furto, e cometia algumas arbitrariedades mesmo antes de se tornar cangaceiro, quer dizer, que havia um histórico de violência na vida dele. Você acha que isso pode ser verdade? Não pode ser, porque nós temos que colocar, tinha dois tipos de cangaceiros: era o cangaceiro volante, como foi Lampião no fim da vida, e cangaceiro manso. No início Lampião foi um cangaceiro manso. Quem era o cangaceiro manso? O cangaceiro manso era um sujeito que todo mundo sabia onde ele morava. Quando você precisava de alguém para fazer um trabalho de trabuco, procurava, não estou taxando Lampião de pistoleiro, pistoleiro é uma outra graduação. Agora, no início, ele tinha lutas contra Zé Saturnino, matou o gado de Zé Saturnino na Fazenda Lagoa da Lage. Inclusive, Zé Saturnino era sobrinho, não sei se vocês sabem, era sobrinho de um grande cangaceiro, respeitabilíssimo na época do cangaço¹². Zé Saturnino foi lá, pediu ajuda a ele, ele veio junto com alguns cabras dele para enfrentar o pessoal de Lampião, tiveram um tiroteio, eles mataram Gino, que era sobrinho do Antônio Matilde, que estava junto com Virgulino. Um negro famoso, tinha uma pontaria muito boa. Esse negro pediu para dar o primeiro tiro que ele queria acertar a Virgulino. E na hora de atirar, Lampião ouviu o estalo, pulou no chão e falou: - “Aprende atirar, nêgo fio da puta!”, e aí ele errou. Só que Lampião, isso daí que eu estou contando, aconteceu no ano de 1919, fim de 1918, segundo semestre de 18 para 19. E esse negro, Lampião pegou ele no ano de 1925, ele estava com mais quatro companheiros, cercou a casa que ele estava. Antes de cercar, os moradores falaram: - “Olha, vai embora, que Lampião vem aí”. Ele falou: - “Eu lá tenho medo daquele moleque!”. Ficou e aguentou o fogo até onde pôde. Lampião foi muito esperto, pegou uma cerca, jogou em volta da casa, botou fogo, o pessoal teve que fugir, dos cinco que estavam lá só tinha sobrado ele, ele saltou dentro do rio Pajeú e morreu afogado. Depois tiraram o cadáver.

MN: *Nas suas conversas com o Sinhô Pereira, você chegou a considerar com ele, se ele já enxergava em Lampião essas qualidades de liderança, de estrategista que o caracterizariam posteriormente?*

AA: Sim, eu falei para ele. Eu falei: - “Como é que o senhor percebeu isso?”. Ele falou: - “Olha, quando ele chegou na minha presença, ele veio comandando os irmãos e ele era mais novo. Eu recebi ele como um igual”, o Sinhô Pereira falando. E é muito interessante porque até o próprio irmão de Lampião falou que nos primeiros enteveros quem tomava a frente era Antônio, que era o primogênito, que é uma coisa normal, o primogênito tem prioridade sempre. Mas o Virgulino falava: - “Olha, isso assim não vai dar certo”. - “Não, mas vai ser assim”. Fazia, não dava certo. Vai de novo. - “Olha, vamos fazer assim, não vai dar certo”. Olha, quando fez várias vezes e não dava certo, aí o irmão falou: - “Olha, então

¹² Trata-se de Cassimiro Honório. Possuía dezenas de cabras a seu serviço, muito dos quais combateram na briga de Lagoa do Lage, embate do qual o próprio Cassimiro participou. Morreu algum tempo depois de ataque cardíaco, no ano de 1925.

você toma a frente aí que você sabe mais”. Foi o que aconteceu. E o Sinhô Pereira disse que quando ele veio lá para o bando, ele é quem comandava os irmãos. Só um adendo, olha, você sabe, eu não sei se é de seu conhecimento, mas além desses irmãos de Lampião, tinha um outro irmão de criação que acompanhou também, Antônio Rosa Ventura¹³. Antônio Rosa Ventura foi um elemento que nas lutas do cangaço, foi o braço direito de Lampião, nas retaguardas, diz que ele e Antônio Ferreira eram especialistas nas retaguardas dos combates. E esse rapaz foi morto por um irmão de Lampião, nenhum livro quase fala isso, na Fazenda Constantino, em Pernambuco. Era quem fazia esse tipo de trabalho. Depois ele se tornou, formou um grupo, fez assaltos, e acabou morrendo.

MN: *A subdivisão do grupo atenderia a o quê?*

AA: Olha, eu acho que o grupo, pelo que me parece, o grupo todo unido era muito mais fácil de ser encontrado, porque você dividindo em grupos menores era mais fácil do sujeito se esconder. E, além do quê, alguns elementos tinham a pretensão de ter seu grupo próprio. Sabino tinha isso, Corisco teve isso, Zé Sereno teve isso, quer dizer, o sujeito já logo de cara, o próprio Virgínio, o Virgínio Fortunato, cunhado de Lampião, quando entrou também teve um grupo de 18 homens. Então isso daí chama muito a atenção.

TEN-CEL RAIMUNDO MARINS: *Inclusive isso, pelo que eu já percebi olhando pela literatura da Polícia, contribuiu muito para a formação do mito de Lampião. Porque as pessoas tinham no imaginário delas que ele estava em diferentes lugares.*

AA: Exatamente.

TCRM: *Então cobriam um território muito maior. Hoje, Lampião está aqui. Amanhã, Lampião já está em outra cidade.*

MN: *O que me chama a atenção também é que é uma mão de obra farta. Você tem uma disponibilidade de pessoas para constituir esses subgrupos*

AA: Manoel, é muito mais do que isso. Você sabe por quê? O que tinha de elementos interessados em entrar no bando e foram rejeitados é enorme o número. Quer dizer, não faltou nunca mão de obra para ele. Mão de obra como cabra. Quantas pessoas: – “Ah, eu quis entrar e Lampião não deixou”.

¹³ Alagoano de Mata Grande. Efetivamente fez parte do bando de Lampião que teria encomendado seu assassinato, por não gostar de sua liderança ascendente. Sua morte ocorrida em julho de 1924, comporta várias versões. Teria sido morto no dia 09/07/1924, por Levino Ferreira, também seu irmão adotivo, a mando de Virgulino. Outra narrativa afirma que teria morrido em combate com a Polícia em 19/07/1924. Outra hipótese é que tenha sido eliminado por Antonio Ferreira.

MN: *A causa específica que foi determinante, Amaury, para Lampião entrar no cangaço e parte de seus irmãos, de seus familiares, está muito claro. É um incidente, uma querela com vizinhos, que é até meio clássica no Nordeste. Agora, quando é que Lampião se torna efetivamente um profissional no cangaço?*

AA: Pronto... Quando aconteceu essa viagem, essa mudança que eles fizeram, eu já fui lá no lugar onde eles moraram e fui no lugar onde aconteceu a morte do pai e da mãe também, aconteceu um fato curioso. João Ferreira, esse que foi meu hóspede, foi o causador involuntário dos episódios que eu vou narrar. Naqueles dias, eles tinham recebido a visita de uma irmã que era recém casada com Luiz Marim cujo filho está morando em Curitiba atualmente, se estiver vivo. Eles estavam lá na casa do sogro e eles tinham uma menina chamada Alica, que teve problema auditivo e ficava chorando por dor de ouvido. Eles tentaram aqueles remédios caseiros, não conseguiram resolver o problema e pediram para João ir até Água Branca, que é Alagoas, o episódio todo aconteceu em Alagoas, buscar um remédio na botica, na farmácia. João foi para comprar o remédio e Amarelho Vilar Batista, o delegado, prendeu o João. Qual a acusação? - “Esse é o irmão dos bandidos, ele veio buscar munição para os irmãos”. Ele explicou que era por causa da menina. Entrou por um ouvido, saiu por outro e ficou preso. Não voltou para casa, alguém da cidade que já conhecia a família correu até onde eles moravam, lá na casa, e deu o alerta de que João estava preso. Aí Virgulino e os irmãos ameaçaram de ir até a cidade. Falaram para a pessoa: - “Olha, fala para o delegado soltar o nosso irmão, senão nós vamos lá retirá-lo a bala”. O sujeito voltou lá para a cidade, falou com Amarelho e estabeleceu o horário, até às 5 horas. Não aconteceu nada, não soltou, o sujeito foi de novo lá. Aquela noite, João ficou preso, ficou acorrentado, não era amarrado, era acorrentado em cima de uma mesa e com uma gargalheira que os escravos usavam. Provavelmente uma corrente de escravos que prendeu João, e ele deitado em cima da mesa. Ele disse que a noite, isso ele contando para mim, ele dizia, uma noite terrível, porque não sabia o que podia acontecer. A ameaça do delegado: - “Na hora que seus irmãos chegarem, você é o primeiro a morrer”. A ameaça era essa. Aí raiou o dia, voltou a pessoa lá no sítio onde eles moravam. Ficou aquele leva e trás. Chegou até no ponto em que o pessoal falou: - “Nós vamos buscar o João”, e foram. Só que tem um riacho lá, eu vi o riacho, inclusive. O Amarelho antecipou-se com uma tropa de “cachimbos¹⁴” e fez uma emboscada. Quando os rapazes se aproximaram do riacho, o Amarelho mandou bala e teve a resposta de Virgulino e dos outros. O que aconteceu? O pessoal correu. Dizem, e eu não posso afirmar nada, é o que eu ouvi lá, pode ser exagero, dizem que quando se aproximaram da cidade, o Amarelho mandou alguém, um dos que estavam com ele, buscar calça porque ele tinha se sujado nas calças. Quer dizer, é o que consta.

Aí ficou decidido o que o Amarelho fez. Ele retirou João Ferreira de onde estava e levou para um outro prédio que eu acho que hoje é da prefeitura. Eu estive lá e conversei que era

¹⁴ Paisanos contratados a soldo para combater os cangaceiros.

um prédio que poderia oferecer maior resistência, maior garantia, um prédio melhor. Aí aquele negócio vai, não vai, solta, não solta, o fato é que o Amarelho acabou soltando o João. O João pegou o cavalo que tinha ficado lá no quintal de alguém, voltou para casa. Quando ele chegou perto da casa, ele ouviu a cancela bater. Ele dizendo a mim, ele falou: - “Aí eu falei, são os meninos que vão me buscar.” E de fato era Virgulino, o Luiz Marim, que era o pai da criança lá de quem eu falei, a Lica, e o Antônio Rosa Ventura, e o Livino, que iam lá pegar o preso. Aí o velho pegou e falou: - “Nós não ficamos mais aqui, vamos embora”. O pai de Lampião: - “Nós não vamos passar amanhã aqui”. Só um parêntese. Nessas viagens, eles foram perdendo tudo que tinham. Só permaneceu, de propriedade dele, os animais que eles faziam o transporte como almocreves. Eles pegaram, parece que tinha uma cama, segundo eles falaram, tinha mais alguma coisa lá, e viajaram para cá e pararam na casa do Luiz Fragoso. Eu fui lá nesse Luiz Fragoso, existiam três casas. Uma, a casa do dono, Luiz Fragoso, na outra casa, um filho dele, que também se chamava Luiz Fragoso Filho e uma terceira casa que estava sem morador. Quando eles chegaram lá, o pai de Lampião pediu rancho. O velho falou: - “Olha, pode ficar aqui”, e eles ficaram. E o velho tomou o caminho de Mata Grande para abastecer, comprar comida, porque naquela correria toda não tinha mais nada. Os filhos, Lampião e os outros, não acompanharam a família. Isso é muito importante. Para onde eles foram? Eles foram para Santa Cruz da Baixa Verde. Santa Cruz da Baixa Verde é próximo a Triunfo. É um local onde eles possuíam uma propriedade que era cuidada por um irmão do pai de Lampião. Quando ele começou a caminhada para ir buscar comida, o pessoal ficou ali. A mulher dele disse que acorrou-se conversando com a filha de um Fragoso. Daí, a pouco, ela falou: - “João, acorde que sua mãe está morrendo”. Foi um ataque fulminante, embora ela já tivesse tido alguns. Uma situação desgraçada dessa, os filhos sempre podendo ser mortos de uma hora para outra, deve ter causado uma pressão muito grande, isso daí só um médico é quem poderia fazer uma análise melhor. Daí, a mulher morreu. Correram chamar o velho, que estava a um quilômetro de distância, não mais do que isso, ele retornou e mandaram alguém avisar os filhos. Os filhos vieram, fizeram o enterro, enterraram em Santa Cruz do Deserto¹⁵. Eu estive lá. Não tem o cemitério, onde era o cemitério hoje é a agência de correio. Bom, deve estar enterrado os restos mortais, os ossos, devem estar nesse local. O pessoal, desarmado, os filhos fizeram esse enterro e saíram novamente. Aí ficou João e o velho, Livino, o pequeno Ezequiel, as irmãs, Dona Mocinha também pequena, Anália menor ainda e ficaram ali para ver o que seria decidido. Quando decidiram ir embora, isso aconteceu no dia 20 de maio, do ano de 1920, 18 dias depois eles falaram que não podiam mais ficar aqui, que iam embora. Durante esses 18 dias, o João e o pai dormiam no mato, porque havia o receio que a polícia pudesse chegar. E foi o que aconteceu 18 dias depois, é 8 ou 9, do mês seguinte, no dia 9 de junho. Como dormiam no mato, o velho levantou-se, passou na casa do Fragoso, a filha dele pediu: - “Olha o senhor, faz favor, tira os leites da vaca aí, e o senhor toma café aqui”. Inclusive, ele pegou umas espigas de milho para dar para os

¹⁵ Povoado alagoano.

animais. João ficou cagando no mato, foi a sorte dele, se ele vai junto com o pai, ele teria morrido. De repente ele escutou os tiros, ele ficou quieto lá e só se retirou do local onde estava, quando o tiroteio cessou. Aí foi lá e estava. O curioso, isso é muito importante, como as coisas acontecem, a polícia não foi atrás de Lampião e nem dos irmãos, ela foi atrás do filho do Luís Frágoso, que era criminoso. Sobrou pro pai de Lampião, que acabou morrendo. A morte até é um tanto quanto duvidosa, a morte dele. Uns dizem que foi tiro. Agora, a dona Mocinha, filha, que era pequena, ela diz que o pessoal lá dizia que o pai dela foi levado para um quarto e apunhalado pelo Amarelho Batista, o delegado, e pelo sargento que tomava conta do destacamento de Pariconha¹⁶, que tinha sido humilhado por eles. Os dois é que devem ter feito o serviço. E ela diz que o povo dizia que no local onde ele foi esfaqueado, ficou muito sangue e que se passou, não sei se é um ano, ela dizia a data lá, não sei, meses, meses, meses, sem que o sangue fosse limpo. O sangue permaneceu. Pode ser até uma fantasia, não sei, mas é o que consta. Vai uma pessoa avisar os rapazes da morte do pai, quando eles voltam, já tinha ocorrido o enterro. Aí é o que você pergunta. Lampião chegou, falou para os irmãos: - “Quem quiser...”, eu estou repetindo o que João Ferreira narrou a mim. - “Quem quiser me acompanhar, me acompanhe, porque as meninas vão ficar, João vai ficar para cuidar das meninas...”. Quando ele dizia as meninas, evidentemente que estava também o Ezequiel que era pequeno. - “Porque de hoje em diante, eu vou matar até morrer”. E cumpriu a palavra.

MN: *O que é que Lampião traz de novo para o cangaço? Enquanto tática, enquanto estratégia, enquanto modo de organização. Enfim, o que é que muda no cangaço com Lampião?*

AA: Só que antes de responder, eu queria dizer o seguinte: Lampião e os irmãos souberam que foi a volante de Zé Lucena, que tinha feito aquele morticínio ali e eles foram cercar a volta, foram fazer uma emboscada. Fizeram dois tiroteios contra o pessoal de Zé Lucena. Dizem, eu entrevistei, inclusive, soldados de Zé Lucena, soldados daquela época, não é posterior, daquela época. Zé Lucena, segundo os soldados, sempre andava na testa da coluna, ele encabeçava a coluna dele e o pessoal, me refiro a Lampião e os irmãos, que não era Lampião ainda, era o Virgulino, resolveu fazer a emboscada num local em que era certeza que eles passariam. Como de fato passaram. Aí eles mandaram bala. Então, o cara que estava na frente levou 42 tiros. Quer dizer, eles queriam é pegar o Lucena. Bom, acabou o tiroteio. Nesse dia era um outro soldado, coitado, que estava em primeiro lugar. O destino é algo imutável. Quando retorna novamente, vamos emboscar de novo, porque souberam que o cara tinha escapado, foram emboscar. Só que aí já estava um tanto quanto de noite. Foi quando alguém derrubou um... dizem que era bala, outros dizem que era cigarro e falou para Virgulino: - “Ô Virgulino, eu não estou enxergando aqui”. Ele falou: - “Olha, eu vou atirar, no clarão do tiro você pega”. Aí pá, pá, pá, pá, atirando, acendendo a

¹⁶ Antiga povoação de Alagoas, hoje elevada a condição de cidade.

chama na boca do rifle. Nesse tempo eles ainda usavam o rifle. É outra resposta para essa que você fez a pergunta. Ele atirava e falava: - “Acende de lampião!”. Isso é muito interessante, essa afirmação, porque você estabelece a data em que ele ganhou o apelido. Nesses 15 dias mudou a história da vida dele, porque ele ganhou o vulgo de Lampião, chegou no bando de Sinhô Pereira, porque ele não conseguiu pegar o Zé Lucena e procurou o Sinhô Pereira, porque Sinhô Pereira tinha os mesmos inimigos que ele tinha. Têm vários autores que dizem que quando ele chegou, o Sinhô Pereira botou o apelido nele de Lampião. O Sinhô Pereira falou para mim: - “Não, quando ele chegou aqui na minha presença, ele já vinha com o apelido de Lampião”. Aí eu falei: - “Mas escuta, o senhor tinha uma pessoa junto com o senhor, um cabra, que era o Cajueiro, e dizem que foi o Cajueiro que...” Ele disse: - “Não, não foi”. O Cajueiro ainda era vivo e morava próximo ao Sinhô Pereira, coisa de uns... lembra, Carlos, que nós fomos lá na fazenda dele? E eu repeti a pergunta. Eu queria a informação, eu acho importantíssima, do apelido. Aí o Cajueiro falou: - “Não, ele já veio com o apelido. Não fui eu que dei não”. Se fosse ele, seria engrandecedor para ele. - “Ah, fui eu que dei o apelido”. Disse que não. O apelido ele já trouxe. Foi nesse negócio aí, nesse combate.

Bom, agora eu vou responder a sua pergunta. Lampião, quando foi para Mossoró, ele tinha estado no ano anterior, em março de 1926, ele tinha estado no Juazeiro, onde recebeu armas, munição e dinheiro para perseguir a Coluna Prestes. Eu vou contar uma coisa para vocês e eu não vou ter como provar hoje, mas quem quiser até deve ter condições de provar. O general, que era o Peregrino¹⁷, era tenente na época da Coluna Prestes e ele servia no estado maior, no Rio de Janeiro. Zacharias, esse meu amigo que me jogou na história do cangaço, foi hóspede dele. Ele afirmava, o general Peregrino afirmava que foi decidido no Ministério da Guerra que deveriam combater Prestes de qualquer jeito, inclusive, convidando o grupo de Lampião para participar. Lampião foi convidado, o encarregado foi o Floro Bartolomeu¹⁸. Floro Bartolomeu ficou doente, voltou para o Rio, morreu no dia 7 ou 8 de março de 1926. Quer dizer, ele não estava presente, mas ele passou a procuração para o padre Cícero assinar uma carta pedindo a presença de Lampião para enfrentar a Coluna Prestes. Ele acabou aceitando o convite e foi quando aconteceu o recebimento da patente, também das armas, da munição, do dinheiro e essas armas, que eram fuzis do Exército, até aquela época eles usavam rifle. Alguns cangaceiros, Lampião usava fuzil. Por quê? Porque eles andavam matando alguns soldados e pegavam o fuzil do soldado, porque o fuzil, nós temos aqui o Capitão Marins que sabe que o fuzil, a potência de fogo é muito maior do que o rifle. O rifle, Lampião dizia, inclusive quando ele entrou aqui na Bahia: - “Diga para Vital Soares¹⁹ que não mande soldado com rifle para brigar comigo, porque

¹⁷ General Humberto Peregrino (1911-2003). Oficial do Exército, historiador e pesquisador e escritor. Membro do Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro. Entre outros títulos publicou “História de não Contar – Cenas e tipos à Margem da Vida Militar”.

¹⁸ Floro Bartolomeu da Costa (1876-1926). Médico baiano radicado no Ceará, onde exerceu intensa atividade política, tendo sido aliado do Padre Cícero Romão Batista. Caudilho poderoso e influente.

¹⁹ Vital Henrique Batista Soares (1874 -1933). Médico e político baiano que governou o estado entre 1928 e 1930.

depois de 30 tiros, eu bato de cinturão”. Quando ele foi para o Mossoró, aí sim, o pessoal estava todo com fuzil, porque ele recebeu. Olha, a partir daí era um pega difícil, viu? Ele tinha uma vantagem sobre a Polícia. Eu tenho munição da Polícia, do tiroteio da Maranduba, a munição é de 1912, 1913, e tenho também de cangaceiros que lutaram lá naquele dia. A munição é de 1930, quer dizer, de 12 para 30. Vamos lá, chefe, mais alguma colocação sobre a transformação?

MN: *O que é que Lampião inova no cangaço? Isso é fundamental, quer dizer, essa coisa do apelido está resolvido, a causa, mas para mim, na minha opinião, a grande referência são as alterações estratégicas e táticas...*

AA: Certo, certo. Por exemplo, ele estabeleceu os subgrupos. Quando ele foi para Mossoró, ele tinha o subgrupo do Jararaca, o subgrupo do Sabino, e também do Massilon. Eram subgrupos, não faziam parte do grupo de Lampião. Mas quando ele fazia o apelo, o chamado, esse pessoal vinha. Foi uma modificação na história do cangaço, uma alteração. Agora, quanto a forma de luta, isso daí, o sertanejo, acho que já nascia com isso aí, era intrínseco, viu?

CARLOS ELYDIO: *A amarração do rifle, essas inovações são técnicas.*

AA: Pronto, foi quando aconteceu de ele ser chamado de Lampião, o rifle peado. Você deve conhecer, um lenço ou uma correia de couro que não deixa fazer o movimento todo. Quer dizer, está sempre atirando como se fosse uma metralhadora. Pá, pá, pá, pá, pá, pá, a sequência. Isso daí foi obra e arte dele.

MN: *Que é um saque.*

AA: Manoel, você sabe quando foi que Lampião enfrentou metralhadora pela primeira vez? Foi no tiroteio da Serra Grande. Ele enfrentou duas, não foi uma, foram duas metralhadoras. Só que ele teve, inclusive, a sorte de que a primeira já engasgou logo de cara. Aí ficou uma só e foi o que salvou a tropa, porque, senão, eram 298 soldados. Olha, você sabe qual foi o prejuízo que a tropa teve? Entre deserção, ferimento e mortos, 45, rapaz, isso daí dá 20% do total. Isso daí o senhor capitão como militar sabe que isso é terrível. Olha, que Lampião foi um líder, bom, não é o caso, mas vou até citar. Vocês sabem, quando o Che Guevara, o Fidel, fizeram treinamento lá na península de Yucatán no México, você sabe que eles tinham aula teórica também. Você sabe que livro que eles liam? Sobre a vida de Lampião. Qual que tinha? Tinha o do Ranulfo Prata na época²⁰. Mas era citado Lampião como exemplo de guerrilheiro. Parece um absurdo, um sertanejo aqui de

²⁰ Não encontramos confirmação sobre essa afirmativa do mestre Amaury. Como ele não cita a fonte e outros autores e publicações não reportam o fato, fica a indagação: fato ou lenda?

Pernambuco, praticamente ignorante, vamos dizer assim, servir de exemplo para uma revolução que deu o sucesso que deu.

MN: *Tem uma série de afirmações, aí a gente sabe que a fantasia e o imaginário entram adoidado.*

AA: Sim, sim, sim.

MN: *Mas tem algumas coisas, por exemplo, de despistamento, usar a alpercata ao contrário. Isso vem com Lampião ou já existia?*

AA: Não, isso veio com ele. Inclusive tem coisas interessantes que até o pessoal nem sabe. Dadá contou para mim que cada chefe de grupo usava aquilo que ele julgava que seria interessante para o pessoal dele usar. A Dadá disse que para o cachorro não deixar a marca, ela mandou fazer, mandou fazer não, pegou mataram lá um carneiro, você coloca os pelos para o lado de fora, fez uma botazinha. Disse que o cachorro não gostava porque deve ser incômodo, mas não deixava a marca. Isso daí ninguém fala, mas Dadá contou para mim, eu devo até ter gravado. Isso daí não tem Frederico, não tem ninguém que recebeu esse tipo de informação.

MN: *Como, por exemplo, evitar as estradas principais e caminhar também por dentro da caatinga?*

AA: Sim, sim. Olha, o sujeito estava jogando com a vida dele, ele tinha que aprimorar aquilo. Não usavam, viu capitão, o fuzil de bandoleira. Não usavam. Era no braço aqui, desviando, não deixava a marca da mira no galho, porque o rastejador vinha atrás: - “Opa, aqui, olha aqui.” A questão da ‘percata’, eu falei, pô, eu falei até para Dadá: - “Escuta aqui, como é? Eu tenho a ‘percata’. Mas como é que é? Não tem como?”. Invertia o calcanhar! Você põe o calcanhar aqui na frente. Está percebendo? Quer dizer, o pessoal era imaginativo, era criativo. Mandavam um sapateiro ou eles mesmo. Balão²¹ fez para mim, Balão fez. Pegava, coloca o calcanhar aqui, deve dar algum desconforto para caminhar, mas você está preservando sua vida. O último cara, vamos aqui numa fila indiana, o último cara vem com um ramo de mato folhudo, apagando o rastro. Os outros vão caminhando mais livres.

MN: *Isso era sistemático?*

²¹ Guilherme Alves, o Balão (1910 -1992). Foi o maior opositor da entrada de mulheres para nos grupos de cangaço, alegando que presença delas “amolecia os cabras, ao passo que quebrava a proteção dos mesmos, nos combates com as volantes. Era baiano de Paulo Afonso.

AA: Sim. A história para se falar de Lampião, rapaz, nós precisamos de um mês, porque veja só, no caso da morte de Lampião, eu já vi outras pessoas dizendo: – “Não, mas tinha a sentinela.” A sentinela tinha de dia, quando da morte de Lampião. A sentinela de dia sempre teve, à noite só se mantinha a sentinela quando havia a suspeita de que tinha uma Força próxima. Outra coisa, você já viu falar, pegar uns chocalhos pequenos, você tem um acampamento seu, seu coito, pega em umas árvores, passa aquilo lá, escurece com carvão, pra de noite ninguém ver, coloca a um palmo do chão, na hora que o soldado lá ou quem for andando bate ali, faz o som. Eles fizeram isso. Inclusive, quando nasceu a filha de Mariano com a Otília, tiveram esse cuidado de fazer. Dadá estava também presente. Então, o pessoal usava de artimanhas que ninguém tinha ideia.

MN: *O combate ao cangaço, ele vai também, evidentemente, evoluindo. Me parece que o acordo entre os estados nordestinos mais castigados pelo cangaço²², que abole as fronteiras entre eles para a ação policial, é decisivo e é um passo estratégico também muito importante no combate ao cangaço. Isso teria sido a causa fundamental, da migração de Lampião e seu bando para a Bahia?*

AA: Olha, no meu modo de entender, eu acho que foi o aperto que eles levaram em Mossoró em 1927, aquilo a polícia falou: – “Pô, não é possível uma cidade grande”, era a segunda cidade do Estado. Eles apertaram de tal forma que o bando começou muita gente a fugir, a deixar as fileiras, outros foram presos, outros capturados. O bando diminuiu tremendamente. No retorno que eles fizeram em 1928, eles voltaram em 27 é claro, mas em 28 eles estavam no Cariri e o que aconteceu? Lá na fazenda da Piçarra, eu estive lá, conversei. Foi uma das melhores entrevistas que eu fiz na minha vida de pesquisador. O Antônio Teixeira Leite, que era o Antônio da Piçarra, ele contou para mim, ele jogou a tropa em cima de Lampião, ele era coiteiro, mas botaram ele numa sinuca danada, ou ele morria, ele achou melhor que morresse Lampião, só que Lampião não morreu, morreu o Sabino. E é muito curioso, ele começa a entrevista comigo quando eu falo: - “Olha, o senhor é muito homem”. Eu falei para ele, para o coiteiro, ele falou para mim: – “Não, Lampião foi muito mais homem do que eu”. Eu falei: - “Mas como assim, Sr. Antônio?”. Ele falou: - “Eu estava traindo ele e ele estava me defendendo”. Rapaz, olha, caiu a cara, a minha cara caiu, viu? O Sabino²³ disse para Lampião: - “Olha, eu estou desconfiado, eu acho que o Sr. Antônio está traindo a gente”. E Lampião falou: - “Não, se ele cavar um buraco e mandar eu entrar dentro, eu entro”. Eu tenho isso gravado e o que aconteceu foi que ele, Sabino, é que levou o tiro e acabou morrendo uns dias depois.

²² Vários acordos com esse teor foram assinados em diferentes épocas, entretanto, o mais abrangente é o firmado em 12 de julho de 1935, quando todos os Estados da região foram signatários.

²³ Sabino Gomes de Góis ou Sabino Gomes de Melo. Paraibano de Itaporanga. Era conhecido pela sua coragem e destemor. Sua morte é controversa. Existem versões diferentes. Sobre esse e outros cangaceiros, sugerimos a leitura do livro “Cangaceiros de Lampião – de A a Z”, de Bismark Martins de Oliveira. Publicado em 2020.

MN: *No que diz respeito a essa passagem para a Bahia, ele passa para o Estado com um bando bastante reduzido.*

AA: Ele mais cinco²⁴.

MN: *E ele aqui, me parece, ele tem um período de descanso, que me parece que é um período de reflexão. Mas, além de todas essas alterações estratégicas, ele criou uma rede de apoio, uma rede logística que é extraordinária. Então, pergunto, isso associado a um coiteiro. Quem são esses coiteiros? Eles são sempre pessoas socialmente bem postas ou eles variam? Cada coiteiro tem um papel em lugares diferentes? Qual é o papel do coiteiro na manutenção da vida do cangaço?*

AA: Olha, veja só, um coiteiro pobre, o que ele poderia fornecer? Ele poderia dar um abrigo, alguma comida que geralmente o cangaceiro dava o dinheiro para ele comprar na feira, porque muitos eram tão pobres que não tinham nem para fornecer, tinham que buscar. Os que tinham recursos eram aqueles que forneciam munição e armas. Você não pode esperar que um sertanejo matuto, que não tem nada, vá obter munição e fuzil ou metralhadora, até como o Lampião queria, que obteve, mas obteve sem o municionador, que era lá do Tanque do Touro²⁵.

MN: *Então esses coiteiros tinham um papel definido?*

AA: É, o sujeito era mais ou menos. Fulano de tal, manda ele trazer comida, informações, isso eles eram ótimos, porque não despertavam atenção. O sujeito tinha que ir na cidade comprar comida, isso não era proibido. Quando aconteceu a seca de João Miguel²⁶, atrapalhou os cangaceiros. Não há dúvida nenhuma que atrapalhou, mas eles já estavam tão acostumados. Isso que é importante dizer, a vida do cangaceiro foi uma desgraça. A vida pessoal deles, esse negócio de querer colocar cangaceiro tomando whisky, tomando champanhe, vermute, essas coisas. Isso daí era excepcionalmente quando ia na casa de alguém. Não tinha essa questão de comida de luxo. Lampião não tinha pretensão de participar de elite nenhuma. Não tinha condição, meu Deus... Eu citei o livro do Pericás²⁷. Lá diz que o cangaceiro falava latim, falava inglês, falava francês. O sujeito não sabia escrever o nome, a maioria era analfabeta. Lampião sabia mandar um bilhete. Isso daí é só pegar e ver as estatísticas de ensino daquele tempo, de 1930. Não tem, por mais que queira

²⁴ Lampião adentrou território baiano, no dia 21 de agosto de 1928, acompanhado Ezequiel Ponto Fino, Virgínio (Moderno), Luis Pedro, Mariano e Mergulhão.

²⁵ Fazenda localizada em Paulo Afonso, Bahia. Neste local, na Lagoa do Mel, morreu em combate Ezequiel Ponto Fino, irmão mais novo de Lampião.

²⁶ Sobre o assunto consultar o livro “Lampião – A Raposa das Caatingas”, de José Bezerra Lima Irmão.

²⁷ “Os Cangaceiros”. Obra de Luiz Bernardo Pericás.

colocar na cabeça de alguém isso, não havia essa possibilidade. Dadá era analfabeta, Sila era praticamente analfabeta. As mulheres pior ainda, porque os pais não queriam que a mulher aprendesse a escrever, a ler, para não trocar carta com o namorado. Era o pensamento bruto do sertanejo.

MN: *Amaury, eu falei que muda a Polícia também. As volantes mudam o comportamento. O que é mais significativo nessa mudança no processo de enfrentamento com os bandos armados de cangaceiros?*

AA: Eu acho que no caso da Polícia não teve grande transformação, porque eles tinham que ir atrás de quem estava na frente deles, eles iam perseguir. A contra informação deles era o rastejador. O rastejador era figura importantíssima. A maioria dos fracassos que Lampião teve, foi por conta de rastejadores.

MN: *Esses rastejadores eram recrutados aonde?*

AA: Dependia da habilidade de cada um. Por exemplo, o capitão aqui conhece os elementos que trabalham com ele. Fulano tem condição para isso e outro para aquilo. Zé Rufino tinha o Leonídio. Eu conheci vários rastejadores. Eu tenho gravações com vários rastejadores e era a figura mais visada quando de um combate. O primeiro que parava a bala no peito era o rastejador. Antônio Isidoro, que você vê nas imagens de Zé Rufino mostrando o braço dele, ele tomou tiro porque ele estava como um rastejador ali na frente.

MN: *Em que ano, efetivamente, Lampião atravessa a fronteira e ingressa na Bahia?*

AA: Entre o dia 20 e 22 de agosto de 1928. Aí, imediatamente, no dia seguinte, o pessoal do Pernambuco já estava atrás dele, fazendo desgraça na Bahia. O pessoal abriu o bico. Eu ia até citar um caso, mas deixa para lá... O pessoal reclamou o máximo possível, aí no mês seguinte, o governo de Pernambuco recolheu aquele pessoal.

MN: *Você fala dos nazarenos, Mané Neto, Odilon Flor²⁸.*

AA: Exatamente.

MN: *Quando eu me referia ao coiteiro, eu estava já pensando no Coronel Petronilho, que é o primeiro contato de Lampião na Bahia.*

²⁸ Homens naturais de Nazaré do Pico, em Pernambuco, que se converteram em ferozes adversários de Lampião, com o qual travaram violentos combates.

AA: É, o primeiro contato importante, porque, na verdade, o primeiro foi com a Dona Ingrácia. Aliás, a família de Dona Ingrácia, eu já comentei em *off* com vocês, foi quem deu o maior número de cangaceiros para o grupo de Lampião. Foram 22 ou 23 cangaceiros. Antônio de Ingrácia, Cirilo de Ingrácia, eram filhos dela.

MN: *Ela quase que bate de frente com Poço Redondo, em Sergipe.*

AA: Olha, é verdade. O Poço Redondo ali tem um exagero, viu? Estão botando cangaceiro a mais, viu?

MN: *Mas me diga uma coisa... Eu falei isso porque o Coronel Petro vai ser uma espécie de comparsa, de sócio de Lampião. Lampião, nos primeiros momentos, nos primeiros meses na Bahia, se acomoda e leva vida pacata, recolhida, discreta.*

AA: Inclusive, se tornou admirado aqui no sertão tudo, porque o pessoal falava: – “Não, não é aquele bandido que se dizia, aquele monstro”. Realmente, para ele foi uma época boa. Agora que ele teve esse contato com o Coronel Petro, isso daí ele deve ter vindo já orientado. Eu não posso afirmar, mas possivelmente teve orientação de algum dos coronéis que ele conhecia lá em Pernambuco. Não só em Pernambuco, como também em Alagoas, que ele conheceu muito. Ele ainda não havia entrado em Sergipe. Primeiro ele ficou aqui na Bahia, depois é que ele entrou em Sergipe. Então as informações deveriam ter vindo de gente de Pernambuco e de Alagoas: -“Procura o Coronel Petronílio de Alcântara Reis”, e foi o que aconteceu. Ele se tornou, dizem, a própria Dadá falava que parece que eles compraram, gado é certeza, parece que compraram alguma terra ou usou as próprias terras do Coronel. Só que depois ele resolveu dar um trança-pé em Lampião e aconteceu o que acabou acontecendo, de queimar lá 32 fazendas.

MN: *Da traição comprovada.*

AA: É comprovada. Agora, olha, Lampião quando era amigo, rapaz, ele era amigo, viu? Agora não queira ter ele como inimigo, que era terrível também das duas formas.

MN: *Era amigo, amava e queria bem.*

AA: Queria bem, pois é, exatamente. Eu cansei de ouvir pessoas que diziam: -“Lampião quando chegou lá em casa, minha família estava numa desgraça, numa coisa, ele ajudou”. Alguém pode falar: -“Mas era com interesse”, claro que era com interesse. Ele não saiu por aí jogando dinheiro pela janela. As vezes em que ele fez isso foi porque ele queria um retorno de alguma forma. Outra coisa que falam que eu acho ridículo: -“Lampião sabia muito usar a imprensa”. Rapaz, que sabia usar imprensa? A imprensa que usava Lampião, Lampião era notícia. Lampião nunca foi no jornal “A Tarde” aqui, bater palma lá e pedir

para um repórter fazer uma reportagem dele. Havia interesse de toda a imprensa de Sergipe, de Pernambuco, aqui da Bahia, de dar informações, porque vendia jornal. Estou errado?

MN: *Uma coisa também que é boa para se discutir é como o cangaço, os cangaceiros e o próprio fenômeno histórico é tratado na imprensa.*

AA: Totalmente distorcida, é verdade.

MN: *Amaury existia um sem número de cangaceiros que eram negros. Você acha que isso também não ensinou um certo preconceito na imprensa em relação a essas pessoas?*

AA: Rapaz, eu vou lhe dizer uma coisa, pode parecer um absurdo, Corisco e Lampião eram racistas. Não gostavam de negros. Sabia disso? Isso é verídico, isso é verdade. Teve negros na companhia? Teve. Principalmente Corisco, mas Lampião da mesma forma.

MN: *E Zé Baiano, paradoxalmente, foi o chefe de grupo.*

AA: Foi chefe de grupo, da família Ingrácia.

MN: *Esse período inicial de Lampião na Bahia, é um período de acumulação de forças?*

AA: Olha, eu acredito que não, viu? Eu acho que eles pararam porque foram obrigados e, também, porque a Polícia não estava preparada para enfrentá-los ainda, porque os primeiros combates que Lampião teve com as Polícias aqui na Bahia foram desastrosas para a Polícia. O Bigode de Ouro, o Cabo Militão, todos acabaram mortos. Não sei se você já foi lá onde teve o combate com o Bigode de Ouro, ali perto, como é que chama? Ali, perto de Juazeiro...

MN: *Mas o Bigode de Ouro não foi ali na região mais de Tucano?*

AA: Massacará, pronto. É que eu não estava lembrado. Eu estive lá. Aquilo ali foi uma imprudência do Bigode de Ouro, o Miranda. Aquilo lá foi. O Bigode de Ouro, ele tinha jurado que ele ia pegar Lampião a tapa, dar uma surra, vou prender e tal. Quer dizer, ele não sabia a fera com a qual ele estava lidando. Eles estavam na “Subida do Mato”, uma fazenda que se chamava “Subida do Mato”, Lampião saiu quando viu chegar a volante. Ele não quis enfrentar a volante e o pessoal viu ele saindo, os soldados viram, foram atrás. Aí chegaram lá na casa dos parentes da Daguimar. O tio dela era o dono do lugar. Aí o menino que eu conheci, era menino naquele tempo, quando eu conheci já era um velho de quase 90 anos. Eles falaram: -“Olha, os macacos vêm vindo”. Aí Lampião pensou um pouco, ele já tinha saído, os caras atrás, pegou e falou para o pessoal: - “Então nós vamos brigar”. Eu não sei se foi Luiz Pedro ou Corisco que perguntou: - “A pé ou a cavalo?”. Ele falou: - “A pé”.

Aí desceram e aconteceu o que aconteceu lá, que mataram dois soldados, mataram o Bigode de Ouro. Teve um outro, Vicente, levou um tiro de raspão assim, cortou o couro cabeludo. Eu vi, tem um local lá e só aconteceu aquilo porque Corisco e Luiz Pedro deram uma retaguarda, porque eles eram oito e os soldados eram nove, também era um grupo pequeno. Foi a intenção de ser mais do que os outros, mais do que o Capitão Galdino, que era o chefe dele. O Capitão Galdino falou para ele: -“Não vai, não”. Ele queria pegar Lampião.

MN: *Além de todas essas habilidades estratégicas, táticas, dessa rede de apoio, se fala muito, se comenta muito, nas superstições que conduziam Lampião e faziam com que ele tomasse determinadas atitudes, também amalgamada com uma série de crendices. Você poderia comentar isso para a gente?*

AA: Eu acho que muito disso daí é a percepção que ele tinha das coisas. Vamos dizer, o pessoal fala: -“Olha, ele viu um sapo pulando, então deixou de passar por lá e tal”. Quando ele viu umas aves voarem, havia alguma coisa natural que tinha espantado aquelas aves, isso aconteceu várias vezes. Aí, Dadá diz que ela e Corisco também agiam da mesma forma. Eu falei o negócio do sapo porque ela disse que quando tinha sapo assim: - “Não viajem, não vamos brigar hoje, aquilo ali, esse sapo vem trazendo desgraça”. Dava lá uma desculpa. Eu acho que no caso de Lampião também tinha muito disso, embora a questão de percepção eu acho primordial. O sujeito: -“Olha, se nós fizermos isso, a tropa vai fazer aquilo”. Manoel Neto, eu já ouvi e tenho gravado também soldado falando para mim. Olha, caso de Angicos. Pedro Barbosa, um soldado contando, foi dos primeiros a entrar, dos que participou da morte de Lampião, pode ser, vamos supor, talvez até o que tenha atirado. Ele falou para mim: -“Lampião pensou o seguinte: os soldados vêm por lá, nós cercamos eles por aqui, eles não podem sair e a gente acaba eles”. Na cabeça dele, ele pode imaginar o que ele quiser, mas como ele pode dizer que Lampião pensou isso? Eu acho que é uma fantasia. Você sabe por que Lampião morreu? A sua convicção, você sabe por que foi?

MN: *Eu tenho algumas ideias, mas não tenho uma convicção formada.*

AA: Olha, Lampião morreu porque deu tudo errado para a tropa. Por isso que ele morreu, deu tudo errado para a tropa. Eu fui hóspede de João Bezerra. Eles traçaram tudo, o projeto era bom, o plano. Só que não conseguiram fazer o que bolaram, foi o que deu certo. Olha, dando errado foi o que deu certo. A tropa não conseguiu completar o cerco, a coluna do Aniceto foi enviada para cercar, se essa completa o cerco dos 36 não sobrava nenhum, só sobraram 25 porque não se completou esse cerco. Os que entraram por baixo, que era o caso de Chico Ferreira, que eram com cinco, seis homens, esses é que mataram Lampião e Maria também, esses cinco, seis soldados, Pedro Barbosa, o Abdon, esse aí que matou a Maria, o Zé Panta, o Ferro, esses é que foram os exterminadores do grupo de Lampião. Olha, eu ouvi tanta bobagem. Lampião levou uma rajada de metralhadora. João Bezerra

estava era lá em cima, rapaz. Ele ficou é pê da vida! Porque eu estou dizendo que deu tudo errado. Ele combinou: - “Vocês vão, façam o cerco e eu dou o primeiro tiro porque eu estou com uma metralhadora”. A hora que ele viu, pá! Estourou. Ele falou: - “Pronto, desgraçou tudo”. Foi a sorte dele.

MN: Você acha, Amaury, que, por exemplo, a professora Luitgarde defende uma ideia de que, em verdade, Lampião, Corisco e outros cangaceiros usavam a religião, ou professavam religiosidade, como escudo ético. Qual é a sua convicção? Esses homens eram verdadeiramente religiosos?

AA: Eram, supersticiosos, não tem nem dúvida, todos eles, todos eles, quanto a isso não tem dúvida nenhuma. Agora, não é Santinho que para bala, tanto é que vejam o número, quando Lampião morreu, o número de orações fortes que tinha. Aí, vem as contradições, o Balão falou para mim: - “Minha mãe falou que enquanto eu não tivesse mulher no cangaço, eu estava salvo”. Ele arrumava mulheres fora, não para companheira no cangaço. – “E que eu não tomasse banho de mar, que não me molhasse”. Eu falei: -“Bom, então como é que você foi baleado?”. Ele foi baleado em Angico, levou um tiro na coxa, só que ele botou o fuzil, o soldado botou o fuzil nele, ele no soldado que é o Adrião, se é verdade o que ele fala, foi o único que morreu, ele atirou no Adrião. – “É porque tava perto do rio”. Ah, meu Deus! Quantas e quantas e quantas vezes os cangaceiros, estiveram perto de rio, perto de Açude, perto de Riacho. Olha, aí é a superstição que entra nesse caso. Agora, que eles eram religiosos, quanto a isso, não tem a menor dúvida.

MN: Inclusive, rezar o ofício Nossa Senhora diariamente.

AA: É, o Lampião, até no dia da morte, ele tinha rezado, até no dia em que morreu. Então, não podia morrer, pô!

MN: O ingresso de Lampião na Bahia, além de todas as significações que tem para o Estado, para as relações sociais, vai marcar o ingresso da mulher no cangaço. Qual o significado que você atribui à presença da mulher no cangaço? Que importância isso teve?

AA: Olha, foi uma mudança de vida do anterior para algo que, a partir daquele momento, passou a ser vivido. A imprensa demorou um certo tempo para absorver as informações de que existiam mulheres acompanhando o grupo de Lampião. Como as mulheres não participavam ativamente de combates, não havia uma informação positiva. Podia se dizer que eram boatos: - “Olha, Lampião tem mulheres, não sei o quê”. Até que depois realmente foram confirmados que algumas mulheres estavam acompanhando os grupos. E aí, é a transformação, aí foi uma das mudanças do cangaço, foi uma inovação que Lampião colocou no cangaço, porque todos aqueles que o precederam, em várias épocas, jamais nenhum desses predecessores teve o apoio do elemento feminino. Nunca ninguém.

MN: *E o interessante, eu não vou nem ainda entrar na questão da Maria Bonita com Lampião, nem em nenhum caso específico, mas ainda tratar isso de uma maneira geral. O interessante é que isso contraria uma série de convicções, não é? A que você atribui essa ruptura de Lampião com essas convicções, ele que era um homem de superstições arraigadas?*

AA: Olha, foi algo que nem o homem nem a mulher conseguem evitar, foi o despertar do amor. Maria, na verdade, eu tive a oportunidade de conversar com as irmãs dela, com os irmãos, dos irmãos eu nem falo muito porque os irmãos são homens também. As mulheres irmãs de Maria falavam que ela já tinha simpatia por Lampião antes de conhecê-lo, quando ela estabeleceu o primeiro contato pessoal, diziam que foi uma atração simultânea e instantânea. Ficaram conversando muito tempo e tal, ele perguntou sobre a questão de lenço, se sabia bordar, realmente existiu. Lampião perguntou para Maria se sabia bordar, ela falou que sabia. Deixou lá uns lenços de seda. Uma coisa que eles confirmam também é que Zé Baiano, inclusive, pegava lenço, jogava no telhado, ele estava dentro da cozinha, jogava e aquele lenço ficava grudado nos esteios onde tinha picumã. Você conhece picumã, né? É a fuligem do fogo do fogão. Segundo ele, olha, não era mágica, era uma prova de que era uma seda boa, leve, que não caía, que tinha valor. Vamos dizer assim, pelo fato de ser a seda era muito mais leve do que o normal.

MN: *Essas mulheres, além de serem muito jovens, aliás o Zé Umberto²⁹ diz que o cangaço foi um movimento de jovens. Essas mulheres eram muito novas e de origens bastante modestas.*

AA: Sem dúvida nenhuma. Essa observação dele, ele deve ter ouvido de Dadá e é verdade, isso daí não tem como contestar. Homens realmente existiam alguns já com mais idade, agora mulher não. O cangaço, vamos dizer, se nós fizermos a observação a partir dos homens já não é correta de que era de jovens. Quem era a parte de jovens quase que similares aos moleques de rua, é o pessoal do Poço Redondo, esses eram rapazes, eram todos novinhos. Zé Sereno falava para mim: - “Olha, 14, 15 anos que o cara está no auge!”. Na minha análise, com 14, 15 anos, é irresponsável. Você fala para ele: - “Bate ali no capitão”, ele bate, não tem o senso do que é certo ou errado. Essa é a minha suposição de que seja dessa forma.

MN: *No caso específico das mulheres, tem aquelas que entraram voluntariamente, seduzidas talvez por uma ideia de que aquilo era uma vida glamourosa e aquelas que foram arrastadas.*

²⁹ José Umberto. Escritor e cineasta. Dirigiu o filme “Dadá, a Musa do Cangaço” entre outras obras.

AA: Dadá é quase que um caso único, porque as outras, quase todas, uma já namorava, outra já gostava, outra ficou influenciada, teve muitos casos também. Laura, que no fim acompanhou o Moita Brava e tudo, o pai dela não deixava sair de casa de jeito nenhum na fazenda, ela era praticamente prisioneira. Por quê? Ela teve um namorado e o namorado se aproveitou e a família prendeu ela ali. Um dia passaram lá os cangaceiros, ela se ofereceu, eu acho que para esse que fugiu com o Corisco, quando o Corisco deixou o cangaço aí no fim, que acabou morrendo. Bom, ele não quis levá-la. Aí ela pegou e se ofereceu para outro e o cara foi, aceitou, que é o Moita Brava.

MN: *Agora, o que é interessante é que essas mulheres, o cangaço vai de 1920, vamos pegar uns 20 anos, de 20 a 1940, que é o apogeu. A sociedade ainda é bastante reservada à vida doméstica.*

AA: Sem dúvida nenhuma.

MN: *E extremamente condicionada por mecanismos de controles sociais rígidos. Então essas mulheres, na verdade, transgridem muito.*

AA: Claro, por exemplo, a Adília, quando eu a entrevistei, conversei com a Adília várias vezes, ela diz que ela acompanhou o Canário, que era Rocha o nome do Canário, porque o pai dela não queria que ela dançasse, que ela pintasse os beiço, não podia usar um *rouge* e quando o Canário a levou, ela teve toda a liberdade. Então, quer dizer, foi uma declaração de independência pessoal e isso é variável, não existe um motivo não, o fulano foi por causa disso, isso daí, cada um foi por uma motivação. A que morreu agora, a Aristéia foi porque a Polícia perseguiu muito o pai dela, a família. A irmã já tinha acompanhado, ela acabou acompanhando também. O irmão dela perdeu o pavilhão³⁰ de apanhar. Olha, veja só capitão, a polícia eliminou muito bandido, mas criou mais ainda, eu acho que criou mais bandido do que eliminou, por conduta. Principalmente aquele pessoal que era contratado, esse cara lá não tinha responsabilidade nenhuma, ele ia porque queria ganhar o dinheiro que ele recebia e também porque era inimigo de cangaceiro. Então, ele estando lá junto com a Polícia, ele tinha o apoio e ao mesmo tempo estava satisfazendo a vingança contra aquele elemento. E teve casos, se você me permite, Manoel, de vez em quando eu saio do seu roteiro. Eu conversei com soldados de Pernambuco, o Luís Pedro era inimigo de Valdemar, Valdemar entrou na Força e falou para o Luís Pedro: - “Olha, eu vou entrar na Polícia que é para perseguir você”. O Luís Pedro pegou e acompanhou o grupo de Lampião, foi a defesa que ele achou e o soldado que conversou comigo falou: - “Nós perdemos é muito, porque o Valdemar era frouxo, covarde, e o Luís Pedro era um cara valente e tal que apoiou Lampião e deu no que deu”. Então, tem essas situações.

³⁰ No caso Antonio Amaury se reporta ao pavilhão auricular.

MN: *Quer dizer, para as mulheres, pode ter significado, no primeiro momento, uma vida menos apeada, mais livre de tantas regras, mas não era exatamente, a vida glamourosa que se esperava.*

AA: Não. Olha é muito relativo também, porque veja só, ninguém entra para o cangaço, nem homem, nem mulher, achando: -“Bom, dentro de xis meses eu morro”. Ninguém tinha esse desejo. Agora, isso aconteceu com várias mulheres. Eu estive com o Abdon³¹, ele dissecou uma vagina de uma cangaceira que morreu, passou sal e deixou curtir e andava com aquilo no bolso mostrando para o pessoal. Isso aconteceu, isso daí aconteceu, não é fantasia, inclusive, um coronel, meu amigo, lá de São Paulo chegou a ver. Na época ele morava em Alagoas, que foi onde aconteceu o fato e ele disse que viu. Quer dizer, não é fantasia.

MN: *Isso enseja uma outra questão que é a violência contra a mulher. Não dentro do cangaço, dos cangaceiros com suas companheiras, embora tenha havido casos, mas eu digo da mulher de fora cujo caso mais notório era o de Zé Baiano que ferrava as mulheres. Eu queria que você comentasse isso, também sobre a violência sexual que teria diminuído com a presença da mulher nos bandos.*

AA: Veja só, no caso de Zé Baiano ferrar aquelas mulheres lá em Canindé do São Francisco, perto de Piranhas, aquilo ali, por que aconteceu? Porque Lampião foi desafiado por aquele grupo de mulheres. O problema foi cabelo. Lampião não queria que as mulheres cortassem o cabelo, que achava que era mulher mundana, mulher ponta de rua, ele queria que as mulheres andassem na linha correta traçada pela mente dele. O negócio tem que ser assim! As mulheres fizeram uma carta desafiando que o cabelo era delas e elas faziam o que queriam com o cabelo. Quando ele entrou lá, em Canindé, isso que eu estou contando foi narrado a mim por Zé Sereno, porque Zé Sereno foi incumbido por Lampião: - “Pega aquelas mulheres lá”. Maria Marques foi uma. -“Olha, o capitão está chamando”. -“Que capitão?”. -“Capitão Lampião”. -“Nossa senhora!”. -“Não, é Lampião mesmo”. Pegou e levou para a presença de Lampião. Aí Lampião deu uma reprimenda e o Zé Baiano ferrou. No caso de Maria Marques é algo que aconteceu, porque ela tinha o irmão Vicente Marques, soldado, que chegou na casa da mãe de Zé Baiano, no interior da Bahia e queria que a mãe contasse onde estava o filho. Cangaceiro nenhum dizia para a família, eu vou para tal lugar, quer dizer, o pessoal ignorava mesmo, podia bater. E foi o que aconteceu no caso. Vicente Marques desceu o cacete na velha, afundou o frontal, deixou como morta. Os vizinhos, quando a volante foi embora, cuidaram da mulher, ela se restabeleceu e aquilo chegou aos ouvidos de Zé Baiano. Aconteceu de Lampião entrar em Canindé e ele encontrou a irmã de Vicente Marques que era Maria Marques e aconteceu o que aconteceu, dele ferrar a mulher no rosto. Quando o Corisco se encontrou com ele, chamou a atenção de

³¹ Abdon Cosmo de Andrade, soldado da Polícia Militar de Alagoas. Participou do combate de Angico.

Zé Baiano, falou: -“Compadre, Zé Baiano, o senhor fazer uma coisa dessa com a mulher lá em Canindé, por que o senhor não pegou o Vicente? Foi pegar a irmã dele?”. Zé Baiano falou: -“Quando o Vicente foi lá na casa de minha mãe, me procurar, eu não vivia lá, ela não sabia, ele pegou e fez com a minha mãe, deixou o frontal fraturado, eu fiz a mesma coisa com a irmã dele, não peguei ele, peguei a irmã, ele deveria ter pego a mim, não a minha mãe”. Eu não sei se tem lógica ou não, mas que o raciocínio é correto, é.

MN: *Agora veja bem Amaury, primeiro que as informações é de que isso era uma prática de Zé Baiano. Segundo é o seguinte: eu vi uma senhora lá em Várzea da Ema e ela dizia que havia em Várzea da Ema uma moça cujo rosto havia sido marcado por Zé Baiano.*

AA: Teve sim, porque não foi só mulher, ele também marcou homens. Teve uma família lá que eu, olha, você vai ler no livro aí, eu conto essas coisas aí, você vai ter essa oportunidade. O cara tinha sido volante, ele era contratado, o tempo dele venceu, ele voltou e ficou com medo danado, porque os cangaceiros a hora que pegasse, sabendo que ele tinha sido perseguidor, iam aprontar com ele e não deu outra, pegaram ele, pegaram as irmãs dele e ferraram. Teve outros homens também que foram ferrados.

MN: *Passando para um outro aspecto. É sobre a violência sexual que é propalada e repetida e está nos cordéis, está nos jornais. É quase que um consenso de que os cangaceiros eram estupradores profissionais. Inclusive, o próprio Virgulino. O que há de verdade e o que há de invencionice, de manipulação nisso?*

AA: Que aconteceram alguns deslizes, isso é verdade. É aquele pessoal que eu citei, a molecada lá de Poço Redondo, aprontou, viu? Tanto é que os cangaceiros mais velhos que tinham uma conduta já anteriormente respeitosa com famílias, ficavam bravos quando tinham notícias de que o grupo de Zé Sereno, o grupo de Balão, ou pelo menos que eles faziam parte, tinham praticado ações aí menos honestas, vamos dizer assim. Agora, de Lampião sofrer acusações, o Ranulfo Prata coloca a acusação de que Lampião pegou uma mocinha que ficou com a ilhargá toda equimosada do atrito das cartucheiras durante o ato sexual³². Rapaz, o Ranulfo diz que conheceu em Aracajú, uma mulher que estava ajudando no preparativo do casamento da neta, que os cangaceiros chegaram, abusaram da neta lá e que fizeram a velha, a mulher, fazer higiene deles. Ele diz que conheceu essa mulher no consultório, acho que ele cita até o consultório em Aracaju, mas eu acho que isso precisa ser esclarecido, porque teve muita gente que usou o nome de Lampião. Isso era uma constante. Nós estamos aqui, chega alguém: -“Olha, Lampião está aí.” A gente não vai pedir a identidade do cara que está se apresentando como Lampião, principalmente se ele

³² Há controvérsias quanto a prática de estupros e outras violências sexuais cometidas por Lampião contra suas vítimas mulheres, sobretudo, entre alguns dos seus biógrafos e testemunhas orais. Entretanto, nos parece pouco provável que tais fatos não hajam ocorrido, principalmente antes da entrada de Maria Déa, Maria Bonita, no bando.

chegar com quatro, cinco elementos armados, você tem que ficar calado o máximo possível. E eu tenho provas disso, e a prova que eu tenho está com Doria³³. Eu trouxe, ele pediu para que eu trouxesse, está com ele. Um manuscrito do Corisco Preto, quer dizer, nunca teve o Corisco Preto, mas um tal de Luís se intitulava Corisco Preto, embaixador de Lampião e embaixador de Corisco. Quer dizer, acho que ele se colocou como sendo enviado por Lampião, por Corisco. Ele aprontou no Estado de Sergipe, roubou, matou, castrou como sendo cangaceiro e não era do grupo de cangaceiro de jeito nenhum. Tinha até mulher no bando dele, esse tal Corisco Preto³⁴, que era para aparentar mais com os cangaceiros, aparência maior com os grupos de cangaceiro, tinha até mulher. Então, é complicado, viu Manoel Neto, nós acreditarmos em tudo aquilo que a gente ouve.

Tem muita fantasia também. Eu acho que Lampião, durante um certo tempo, pelo menos, a maior parte da vida dele, ele seguiu aquele preceito dos antigos cangaceiros de que tinha que respeitar a família. Sinhô Pereira disse pra mim que quando Lampião estava no grupo dele, nunca aconteceu de fazer nada pra mulher. Quando Lampião brigou na fazenda com Raimundo Barbosa ali perto de Nazaré, acabou morrendo até uma moça chamada Isabel que era filha de um soldado, mas olha aqui, falta de juízo, tiroteio, bala pra cá, bala pra lá, a moça andando no meio, não só essa moça, como aconteceu em outros episódios. Rapaz, as mulheres eram acostumadas com aquilo, parece que não se assustavam. Quando Lampião brigou com Clementino Quelé³⁵, em duas oportunidades no ano de 1925, teve uma empregada lá do Clementino, ela pegou um dos cabras de Clementino e levou de um local em que ele estava atirando nos cangaceiros, até a casa onde estava o Clementino. Eu acho que não devia ser longe, mas embaixo de bala, viu? E o cara escondido atrás dela. Como é que eles falaram pra mim? Foi fazendo sombrinha, quer dizer, o teu corpo servia de sombra pra esconder o cabra, o corpo da mulher como anteparo pra evitar que os cangaceiros atirassem. E eles não atiraram, eles respeitaram. Olha, são coisas curiosas que a gente fica com uma dúvida danada. Como é que eles respeitam numa situação dessa e em outra vai estuprar? Agora, a Dadá sempre disse: - “Aquela rapaziada do Poço Redondo lá foi que estragou o cangaceiro”, ela dizia.

MN: *É curioso que ela foi vítima de estupro.*

AA: Ela foi e foi terrível o negócio dela. Ela contou pra mim, pra minha mulher, que ficou uma semana com febre, tanto é que durante alguns anos ela odiou Corisco. Ela falou pra mim que não gostava quando ele chegava, ela já antevia o que iria acontecer. Já previa.

³³ Carlos Alberto Doria, amigo pessoal de Antonio Amaury, a quem provavelmente o mestre confiou os documentos mencionados, segundo suposição de Carlos Elydio.

³⁴ Manoel Luiz de Jesus era sergipano da cidade de Frei Paulo, onde nasceu em 03/01/1907. Cometeu vários crimes que o tornaram conhecido. Os autores mais abalizados do tema não o incluem no bando de Lampião.

³⁵ Clementino José Furtado, apelidado Clementino Quelé, era sergipano de Canindé do São Francisco. As fontes bibliográficas, apontam dois diferentes anos para seu nascimento, 1886 e 1914. Militou na Polícia e no Cangaço, onde tornou-se cabra de Lampião, com o qual se desentendeu e veio a ingressar na Polícia como volante.

Agora, chegou num determinado ponto que ela passou a adorá-lo. Por quê? Porque era quem a protegia. Qual era a proteção dela? Era o Corisco que era o companheiro dela. A mulher só servia pra sexo, a missão era essa e cada cangaceiro que tinha condições queria a mulher dele mais bem vestida, mais cheia de joias, era uma disputa interna dentro do grupo. A mulher ostentando riquezas e o companheiro fornecendo. Eu acho que, acho não, tenho certeza que os homens viam as mulheres como propriedade. Não era amizade como marido e mulher, como companheiro, viam aquilo como propriedade. Então queria exibi-la como tal, mais bem vestida, com perfume, o diabo a quatro.

MN: *Roupas caras?*

AA: Não. Roupa não tinha como escolher, viu? Tem gente que coloca que usava roupa, não sei o quê. Rapaz, qual foi a mulher que introduziu bordado, introduziu enfeite em chapéu? Foi Dadá, queira ou não queira foi ela. É muito fácil de se constatar isso. Você pega as fotos que existem antes da presença feminina, compare com as pós-presença feminina. Você nota da água para o vinho. Agora, todas as mulheres se vestiam com saias corridas, tecido grosso porque a vegetação exigia isso, se ela fosse colocar o vestido de seda, ela saia nua dentro de meia hora. Vai entrar dentro de uma caatinga, não sobra nada. Usavam até aqui a parte superior, você vai ver no livro, a meia que a mulher usava era até perto da virilha que era para não ofender a pele, a derme tinha que ser preservada. Os cangaceiros, o Zé Baiano em particular, a Dadá disse que ele era de um requinte com a Lídia, porque Lídia foi a cangaceira mais bonita que apareceu, nem Maria Bonita, nem Sila, Durvinha, essas que eu estou citando até eram bonitinhas. Agora, diz que a Lídia era muito bonita. Isso é informação de homens que a conheceram, de cangaceiros que a conheceram e de cangaceiras. Eu dou até mais valor às informações das mulheres, porque mulher não é muito jogar confete na outra, ela vê a outra como rival, mas, na realidade era isso.

MN: *Amaury, você diz que as mulheres eram, na verdade, objeto de prazer e de ostentação do cangaceiro. Agora, tem um fato curioso que é de Gato³⁶ com Inacinha. Quando Inacinha é presa, o Gato enlouquece, ele surta. Ali não é uma relação que extrapola um pouco isso, não?*

AA: No meu modo de entender, o Gato era um cara que queria exibir a valentia que ele tinha. Pronto. Dadá participou dessa encrenca que o Gato arrumou, não só ela como Maria de Pancada, Durvinha. As duas participaram do ataque a Piranhas. Inclusive, tem gente que fala: -“Ah, não aconteceu nada”. Claro que aconteceu, morreu um monte de gente. Eu

³⁶ Santílio Barros, baiano, era da tribo dos Pankararé, na região de Brejo do Burgo, Paulo Afonso, Bahia, sendo que seu pai, Fabiano, era sobrevivente da Guerra de Canudos. Afamado como um sujeito temido pela sua violência e perversidade. Foi ferido gravemente tentando regatar sua companheira Inacinha, grávida, que estava detida em Piranhas. Nesse dia, 28/09/1936, assassinou friamente em torno de 10 pessoas inocentes. Ferido veio a falecer dois a três dias depois do combate.

conversei com uma senhora que já falou que foi da casa dela que saiu a cadeira de balanço para carregar o ferido, o Gato. O Gato levou um tiro na espinha, não podia andar, colocaram numa cadeira, ela falou pra mim. Ela descreveu a cadeira que, por sinal, Dadá já tinha descrito anteriormente, bateu, não mudou nada. Ela falou que tinha uma almofada com rosas, com flores coloridas e realmente diz que foi isso. A Dadá e a Maria de Pancada pegaram a cadeira, levaram, aí o pessoal colocou o Gato em cima e subiram com ele, foi morrer na Fazenda Mucambo.

MN: *Mas quando Inacinha é presa, ele...*

AA: Pois é. Ele deu um surto de loucura que os outros também contestaram. Não gostaram. Você matar dez pessoas, a Polícia por mais pacata que seja, não sei o termo que se dá, tem que se mexer numa situação dessa e foi o que foi feito. A perseguição que aconteceu contra eles por causa disso, as mortes desses indivíduos lá.

MN: *Você acha que essa teoria sua, ela se aplica mesmo nas relações mais duradoras, mais notória no cangaço, no caso Dadá e Corisco, Maria e Lampião, Luiz Pedro e Neném?*

AA: Rapaz, olha, é difícil a gente fazer uma análise do pensamento alheio, né? Dadá morreu gostando de Corisco, isso não se contesta. Ela, na presença do marido dela que era o Alcides Bartolomeu, com quem ela se casou novamente, ela não negava que gostava de Corisco. A Durvinha, agora, que morreu há pouco tempo, também na presença do Moreno, abria a boca para exaltar a figura do Virgínio, do Moderno. O que a gente vai pensar disso? Eu não sei, Qual a conclusão que a gente chega? Quando a mulher bota na cabeça uma coisa, meu amigo!

MN: *Amaury, a gente sabe que havia uma medicina, não é uma medicina acadêmica, mas é uma medicina popular que atendia às emergências, os primeiro socorros.*

AA: Sem dúvida nenhuma.

MN: *Qual era o papel da mulher? Ela tinha um papel efetivo nisso?*

AA: Olha, a mulher não era orientada nesse sentido. Ela até podia, acho que, colaborar de alguma forma. Olha, foi o caso da Dadá, né? Mas as circunstâncias a obrigaram. Não é que ela se transformou numa médica. Não tinha outro, tinha que ser ela mesmo ou então deixar o cara morrer. Olha, o cangaço, com a morte de Lampião, começou a morrer, quando o Corisco ficou aleijado, ele ficou mais do que moribundo e acabou morrendo no dia em que mataram o Corisco e Dadá perdeu a perna, aí extinguiu mesmo, não teve jeito. Olha, a Dadá, não era só ela, todos as pessoas, todos os cangaceiros, levavam consigo iodo, álcool, cânfora, o que pudesse usar em determinadas situações de ferimento.

MN: *Pimenta.*

AA: Pimenta. Já levava pronta. Como é que chama o outro lá, que também era para talhar o sangue? A raspa de quixabeira. Raspava, eles carregavam consigo, era o que se podia fazer, não tinha outra situação.

MN: *Você falou na Dadá, é uma teoria também que Germana Araújo defende, como a grande esteta do cangaço. Quer dizer, ela que vai mexer com aquilo. Eu e Lucas conversando com o Frederico lá em Pernambuco, ele disse a gente o seguinte: Dadá bordava bem, mas Lampião era mais exímio bordador do que Dadá. Você acha que isso é verdadeiro?*

AA: De jeito nenhum. Quando é que começou a aparecer bortal enfeitado com flores estilizadas, coloridas? Quando foi? Eu nem sei se o Frederico sabe, mas foi no segundo semestre de 1934, é só acompanhar as fotos antes dessa data e posteriormente. O Frederico quer porque quer que Lampião é quem era o esteta do cangaço, quem desenhava, bordava, não é nada disso. Dadá fez esses bornais porque ela precisava passar o tempo, ela estava grávida enquanto ficou no Raso da Catarina esperando para desembuchar, fez os bornais. Corisco usou, Lampião viu, gostou, pediu para ela fazer. Cangaceiro usava quatro bornais, dois menores e dois maiores. Ela fez dois para Lampião. Lampião pegou: -“Ah, comadre, a senhora tinha que fazer o jogo completo”. Ela pegou e fez os quatro. Os cangaceiros quando viram, Lampião fazia um xis assim e todos os cangaceiros faziam, copiavam, aí passaram a usar. É só olhar nas fotos e, por sorte, nós temos até o filme que é do Benjamin Abraão. Você sabe quando que Benjamin Abraão fez a primeira visita ao bando para filmar e fotografar?

MN: *Eu sei que foi antes de 1936.*

AA: Foi em 1935, 1936 e tudo indica que também em 1937. Aí fez propaganda lá em Fortaleza, no jornal “O Povo”, acho que o “Diário de Pernambuco” também publicou fotos, essas coisas, tudo bem. Não vamos nem discutir essa parte. Agora que Dadá não disputou com Lampião para ser reconhecida como a pessoa que introduziu as flores estilizadas no cangaço, ela não tinha a mínima intenção disso e não aconteceu. Aconteceu como eu contei agora, de Lampião ter gostado e copiado, copiado não, exigido que ela fizesse e os outros copiaram.

MN: *Outro aspecto também que é interessante é o mito da mulher guerreira, as cangaceiras como mulheres intrépidas que entravam nos combates, do corpo a corpo, enfim, que participavam ativamente da luta quando ela ocorria. O que há de verdade e o que há de equívocos, fantasias, nessas narrativas?*

AA: Fizeram até um livro, não faz muito tempo agora, “A trajetória guerreira de Maria Bonita”. Qual foi a trajetória guerreira dela? Alguém pode dizer algum combate? Ela só participou da morte dela, com a presença física naquele dia. Não existiu trajetória guerreira nenhuma. Agora, voltando a questão do Frederico...

MN: *Ele chegou a nos dizer que teria submetido um bordado de Lampião e um bordado de Dadá a uma bordadeira e que ela tinha dito, que o de Lampião era superior.*

AA: E como é que pode provar que aquele era feito por Lampião? Como que se pode provar? Olha, quando teve os 500 anos lá em São Paulo ele participou, o Banco Santos levou as coisas lá, tudo. Rapaz, ele apresentou uma peça lá, um bernal de Zé Baiano pego pela Polícia em 1932. Nunca, jamais em tempo algum teve esse tipo de bernal lindo, maravilhoso, no ano de 1932, nunca, nem até 1934, não tem. Tem a partir de 1934, quando Dadá bordou no Raso da Catarina. A partir daí é que aparecem os bornais coloridos com flores estilizadas.

MN: *Retornando um pouco a questão da mulher como combatente que você já contesta, tem a questão específica de Dadá, pela circunstância que ela viveu.*

AA: Aí é outra coisa. Ela foi a única. Não se queira colocar Dadá como exemplo de todas. Nenhuma outra mulher teve participação em combate. Algumas morreram. Por quê? Porque estavam presentes na hora do negócio. Essa que eu disse que teve a vagina dissecada, foi uma vítima. Não era que ela tivesse brigando, não.

MN: *A própria Enedina*³⁷

AA: Enedina, correu lá, levou o tiro e arrancou o tampão da cabeça. Maria pelo fato até de ser companheira de Lampião, foi mais visada, mas não era participante de luta.

MN: *Mas elas portavam algum tipo de armamento?*

AA: Claro, claro. É só olhar as fotos. Toda mulher carregava um coltzinho, uma browning³⁸. Por quê? Você sabe por quê que era isso? Não era pra atirar no capitão, não. Era, sabe pra quê? Quando tinha o combate, cada um corre pra um canto. A gente precisa se reunir. Não dava pra marcar: -“Olha, nós vamos nos encontrar na Fazenda Pedra D'Água”, tem que disparar e quer dizer, o pessoal sabia.

³⁷ Enedina Saturnina dos Santos (1920? – 1938), sergipana, nascida em Poço Redondo. Era casada com o cangaceiro Zé de Julião, o Cajazeira.. Morreu no combate de Angico em 1938, tendo ele sobrevivido.

³⁸ Arma de origem belga fabricada em 1900.

MN: *Mas, Amaury, essas mulheres ingressavam no bando, sabiam que iam ter uma vida com sérios riscos, elas nem sequer aprendiam a manusear uma arma, a atirar, para se defender?*

AA: Teve mulher que aprendeu. A Joana aprendeu, que era a Moça de Cirilo. Você vai encontrar isso no livro aí. Ela aprendeu, só que não participou de combate e atirando. Dadá participou porque o marido perdeu os dois braços. Você já pensou o capitão entrar na guerra sem poder dar um tiro? Não tem cabimento.

MN: *Dadá é uma figura mitológica...*

AA: Sim, é fora de série.

MN: *Você teve a oportunidade de conviver com Dadá, inclusive ela se hospedou em sua casa. Como é que você definiria essa mulher? Quem era Dadá verdadeiramente?*

AA: Rapaz, olha, depende do ângulo que você queira analisar Dadá. Ela era uma pessoa que tinha uma memória simplesmente inacreditável. As primeiras informações que ela me passou, eu coloquei em dúvida porque eu calculei: - “Pô, tá querendo gozar com a minha cara dizendo que lembra disso, lembra daquilo”. E eu acabei encontrando soldados que tinham participado da briga quando o Corisco ficou aleijado. Um soldado, os irmãos dele foram de Jeremoabo, todos participaram da volante do Odilon, do Zé Rufino, e esse soldado falou pra mim, ele me contou o que tinha acontecido, que ele presenciou, que teve parte ativa, falou: - “Nós chegamos na casa, pegamos o pessoal, eles acabaram contando que os cangaceiros estavam fazendo comida, que os cangaceiros vinham pra comer e tal, que era o grupo de Corisco, aí nós ficamos, inclusive tinha metralhadora nesse dia, nós ficamos escondidos ali no mato, aí quando vem, na frente de tudo vinha dois cangaceiros novos, que era o Roxinho, Roxinho e Cruzeiro, aí vinha os dois guias, que era o Gringo e o Cabeção e a mulher, e mais atrás o Corisco com os outros homens. Nós atiramos, matamos dois, os que vinham na frente, os coiteiros correram”. Ele descreveu como estava vestido o coiteiro e a Dadá tinha contado pra mim como era e eu achei que não era possível lembrar, depois de tantos anos, pois o que ele contou pra mim era o que ela tinha transmitido. Uma camisa riscadinha e o outro tinha um outro tipo de camisa. Ele contou direitinho e ele nunca conversou com o Dadá, conversou na boca do fuzil nesse dia que aconteceu isso.

MN: *Quer dizer, era uma mulher de memória prodigiosa.*

AA: Prodigiosa, prodigiosa.

MN: *Ela passa, ou se passa a ideia de uma mulher agressiva, como é o caso do episódio com o Paulo Gil Soares³⁹, que ela avança pra ele e manifesta uma hostilidade que ela tinha a Glauber também.*

AA: Sim, ela sempre falou pra mim que não gostou de jeito nenhum do filme...

MN: *Ela era essa figura agressiva? Porque o Zé Humberto disse que não.*

AA: Olha, no caso eu sou suspeito porque ela estava em minha casa e precisava de mim, eu que estava dando o arroz e o feijão pra ela. Mas, olha, ela era de convívio difícil, parece que foi você quem citou que até o fim da vida ela levou arma. Levou, levou mesmo. Levou porque quando nós viajamos juntos ela estava armada.

MN: *Eu citei isso porque Marins havia dado a entrevista a gente, o Capitão Marins, e falou isso. E aí eu perguntando a Zé Humberto, ele disse: -“Que nada, eu dormi com ela, inclusive, às vezes no mesmo quarto, tivemos no mesmo momento, e nunca vi arma”. Aí eu pensei: -“Vou perguntar a Amaury também”. Não que eu tivesse alguma dúvida com a afirmativa de Marins, pois ele é um cara muito cuidadoso com essas coisas. E você me deu uma razão que eu achei muito interessante, aquele temor permanente de uma vingança.*

AA: Claro, era por isso que ela usava. Não há dúvida.

MN: *Você conviveu com outras figuras do cangaço. Sila, Dulce. Elas manifestavam ou externavam arrependimento, por ter ingressado nessa vida?*

AA: Todas detestavam e nem gostavam de falar do tempo que viveram no cangaço. A única que falou que voltaria para o cangaço se o cangaço retornasse, desde que, colocava uma ressalva, desde que Lampião e Corisco voltassem, era Dadá. Ela falou que ela voltaria com a presença de Corisco e de Lampião, ela voltaria. Agora, nunca ela falou que a vida era maravilhosa, que era uma delícia, que tomava o uísque White Horse, nunca falou isso. Aliás, ela disse que nunca viu isso. As informações do Pedro Moraes, que fala sobre Maria traindo, *ménage à trois* e Lampião gay, todas essas coisas⁴⁰. Dadá disse que nunca viu falar isso, aprendeu, conheceu essa situação em Salvador.

MN: *Mas casos de adultério houve, que é o caso de Lídia.*

³⁹ Paulo Gil Soares (1935 – 2000). Baiano de Salvador. Autor do documentário “Memória do Cangaço”, produzido em 1964. É hoje uma obra clássica.

⁴⁰ Essas afirmações rechaçadas pela quase totalidade dos pesquisadores, consta do livro “Lampião, o Mata Sete”.

AA: Claro, claro, e não foi a única. Houve outras. Teve Lili de Lavandeira.⁴¹

MN: *A gente pode dizer que a presença da mulher nos bandos trouxe algum tipo de tensão entre os homens, algum tipo de disputa? Ou entre elas mesmo?*

AA: Olha, Dadá, ela descrevia as companheiras e dizia, olha, fulana era quieta, fulana a gente nunca via ela falar nada, ela não gostava de Maria.

MN: *Agora me diga uma coisa, essa tensão entre Dadá e Maria, ela chegava a dizer eu não gosto dela por tal razão?*

AA: Falava, pra mim falava.

MN: *E ela alegava o quê?*

AA: Ela disse que Maria não cuidava de Lampião como deveria, que era muito, como é que ela dizia, muito enxerida, que quando ia fazer uma divisão de comida, umas coisas, ela tinha os protegidos dela, Maria tinha os protegidos que ela beneficiava e os outros ela deixava pra lá.

MN: *Veja bem, há a contrapartida. Vinte Cinco foi do bando de Corisco, passou para o bando de Lampião e diz que saiu do bando de Corisco porque não suportava Dadá.*

AA: E não foi o único, teve mais outros, o Balão também saiu do grupo de Corisco, Criança também foi do grupo de Corisco e não aguentavam Dadá, realmente. Era uma carga pesada, viu, porque eu aguentei, porque eu sou muito pacato. Cinco meses e dezesseis dias. Eu convidei pra ficar na minha casa um mês, pra mim seria o suficiente, mas acabou ficando cinco meses e dezesseis dias. Olha, era uma parada, viu, porque com toda minha calma vezes eu já ficava...

MN: *Era difícil, né?*

AA: Era, era.

MN: *Não podia ser uma pessoa fácil, né? Agora, o que eu soube, e aí é coisa que a gente tem que filtrar a informação, é de que Maria era uma mulher muito expansiva, muito brincalhona, muito bem humorada.*

⁴¹ Lili se chamava Maria Lúcia Xavier, natural de Paulo Afonso, na Bahia. Teve diversos companheiros no cangaço, sendo que o último, Moita Brava II, a assassinou ao flagra-la em adultério com Pó Corante II.

AA: Olha, a alma humana, o pensamento cada um tem um, é criado de uma forma, a gente não pode exigir que todas elas agissem da mesma forma, pensassem da mesma maneira. Isso é impossível. A Dadá falava: -“Olha, Maria de Pancada é muito bonitinha, Pancada bate nela, puxa pelos cabelos”. Cada mulher tinha o seu carma para sofrer, viu? Agora, Dadá, eu acho que ela dominava o Corisco, até por uma outra razão, você sabe que Corisco era um alcoólatra, ele vivia chumbado, se bem que, também é bom que se acrescente, todas as mulheres bebiam. Todas as mulheres bebiam e não era bebida fraca, não, não era nada de uísque, era cachaça pura. O cangaço era movido a álcool e as volantes também, tanto é que no dia da morte de Lampião, eu conversei com vários sobreviventes, inclusive com o coronel João Bezerra e eu insisti com ele, eu falei: -“O pessoal tomou cachaça. Conversei com vários elementos da tropa, todos disseram que tomaram”. Ele disse: -“Não, quem quis tomou”. Quer dizer, quem quis tomou. Mané Velho, que foi muito meu amigo, que é o Antônio Jacó, foi quem cortou as mãos de Luís Pedro, ele disse pra mim: -“Eu não tomei porque eu tava atento”. O problema de Antônio Jacó é mais ou menos o mesmo dos Nazarenos, era um problema pessoal. O tio dele tinha sido morto por Lampião e o Pocidônio, o primo dele, tinha ficado surdo e ele também ficou surdo, o Mané Velho também ficou surdo, que estourou a caixa de culatra, aqueles fuzis velhos lá, arreventou o tímpano dele. Então, eu conversei com vários soldados que disseram que tomaram a cachaça. Sabe do que que era a cachaça? Misturada com o quê? Pólvora. Cachaça com pólvora, sabia disso? Cachaça com pólvora. Eu morava em Araraquara bom, aqui é um parênteses. Eu morava em Araraquara e meu pai tinha uma espécie de hotel lá, no qual naquela época teve vários jogadores, lá tinha dois times, numa determinada época, dois times, depois teve quatro. Paulista e São Paulo. Um jogo entre Paulista e São Paulo, que era a decisão lá da região. O Paulo Brandão, que era goleiro do São Paulo, falou pro meu pai: - “Sr. Elídio, como é que é? Tô tenso”. - ”Toma cachaça com pólvora”. Ele tomou cachaça, olha, pulava de um canto pro outro, ficava elétrico. E os soldados do João Bezerra também tomaram cachaça com pólvora⁴².

MN: *O episódio da morte de Lydia, que tem uma história, inclusive você relata com pormenores, que é o fato de Maria ter se manifestado junto ao Lampião no sentido de intervir para que Zé Baiano perdoasse ou relevasse a falta de Lydia.*

AA: Não, pelo contrário, ela ficou quieta, quando Lydia implorou pra ela, ela ficou quietinha. Corisco foi que salvou o Bem-te-vi⁴³, que era o Ademórcio, o nome dele era Ademórcio. -“Não, meu rapaz... Zé Baiano, a mulher é dele, a Lydia ele faz o que ele quer,

⁴² Há registros na tradição popular que a cachaça misturada com pólvora provoca coragem. O poeta Ascenso Ferreira, no seu poema "Branquinha", menciona esse ritual entre os soldados que lutaram na Guerra do Paraguai.

⁴³ Bem-te-vi III, de pré-nome Ademórcio (1913? – 1935). Baiano de Paulo Afonso. Foi o terceiro homem a ingressar nos bando e adotar este apodo. Flagrado em contato sexual com Lídia, mulher de Zé Baiano, foram chantageados por Conqueiro, outro integrante do bando que tentou tirar proveito da situação, sendo imediatamente executado por ordem de Lampião.

agora o meu rapaz ninguém mata, não”. Quer dizer, ele interveio, não sei se Dadá deve ter botado na cabeça dele, acho que até pra enfrentar Maria, porque, olha, Dadá demonstrou que tinha problemas pessoais com Maria.

MN: *Então, Amaury, há algum fundo de verdade de que as relações entre Lampião e Corisco pudessem estar estremecidas por conta dessa rivalidade de Maria e Dadá?*

AA: A Dadá diz que Corisco ficou separado numa ocasião de um ano e meio de Lampião. Eles se encontraram acho que um mês antes da morte de Lampião. Foi quando tiveram oportunidade de se reencontrar. Porque, olha, não foi só o Vinte e Cinco⁴⁴ não, o Vinte e Cinco é o testemunho vivo, mas Balão, Criança, também se queixaram. Diziam: -“ olha, eu não vou aceitar ordem de mulher”. Quer dizer, aí até era o ego masculino se manifestando. Está entendendo? Não diz que era por outro motivo, era pelo fato de uma mulher mandar nele. -“Faz isso, faz aquilo”. Quer dizer, o cara: -“Por que diabo estou?”. O Corisco, eu acho que se pode dizer que no fim era um brinquedo nas mãos de Dadá e quando ele perdeu os braços, aí que enrolou de vez porque ele só foi morrer oito meses depois.

MN: *O episódio da morte de Lampião é cercado de uma série de polêmicas. Você trabalha isso muito bem no livro “Assim Morreu Lampião” e tem coisas que dizem respeito especificamente a presença da mulher naquele episódio final trágico. É uma conversa de Sila com Maria, mas eu gostaria muito de ouvir de novo, para quem sabe, tirar mais alguma informação de você.*

AA: Veja só, nesse caso de Maria ter conversado com Sila, isso é ponto pacífico. Sila sempre falou isso e dizia: -“Eu e Maria, tal”. Só que tinha uma terceira pessoa que continua viva, que é a Dulce. Dulce participou da conversa.⁴⁵ Só que a Sila não gosta de dividir, ela quer ser a figura maior do episódio, então: - “Maria já morreu, fica eu”. E Dulce, que estava junto, participou da conversa, está viva. O que aconteceu realmente foi a conversa das três trocando ideias, olha a coincidência, elas falando: - “Olha, eu não tenho medo da Força de Sergipe”. A outra: -“É, eu não tenho medo da Força de Alagoas”. E por aí afora.

MN: *Tem uma coisa que eu acho muito curiosa. É essa história do vagalume e dos sinais de luz vistos por Sila, e que Maria achou que eram apenas vagalumes.*

⁴⁴ José Alves de Matos, nascido em Paripiranga, na Bahia, no ano de 1917. Pertencia ao bando de Corisco, mas se desentendeu com Dadá e passou a integrar o bando de Lampião, tornando-se muito amigo de Maria Bonita.

⁴⁵ Dulce Menezes dos Santos, sergipana de Porto da Folha. Foi estuprada e arrastada para o cangaço, por Criança III. Sobreviveu a Angico e foi para São Paulo. Faleceu neste ano de 2023.

AA: E na realidade não era. Isso é ponto pacífico.⁴⁶ Por que não era? Elas estão conversando é oito horas da noite, oito e pouco, não iam conversar meia-noite. A Polícia chegou depois da meia-noite, quer dizer, então não era. Não adianta querer forçar, que não era. A Polícia saiu de Piranhas já tarde, teve que fazer uma série de acomodações, ajoujar as canoas, as três canoas pra poderem descer, parar na fazenda Remanso, vão três soldados. Primeiro foram dois. Dois soldados pra pegar o Pedro de Cândido. Ele se negou a vir, porque a mulher tava em situação interessante e tal, quer dizer, tudo isso leva tempo, eram três quilômetros de distância, não é uma pista de corrida, é um lugar difícil de você andar tudo. Voltar. Leva a bronca do tenente: -“Volte lá seu safado, senão você tá sendo tão coiteiro quanto ele. E vai também fulano”. Aí que trouxeram. Veja só. Se coloque no lugar do Pedro de Cândido. Chegam dois soldados -“Olha, o tenente tá chamando você”. -“Ah, mas não sei o quê, não sei o quê”. Consegui conversar os soldados e ele permanece no mesmo lugar? Tem lógica isso? Quer dizer, eu tô pensando por mim, né? Se eu consigo afastar aqueles elementos, eu pico a mula. Eu saio ou vou avisar Lampião ou me afasto o máximo possível dali, pra não ser novamente agarrado pra acontecer tudo que aconteceu.

MN: *E a história de que a bebida estava envenenada, aquela bebida que foi servida na véspera e que teria sido a causa da letargia que tomou conta dos bandidos e que permitiu a aproximação dos soldados. Você acha que isso é proveniente? Tem alguma resíduo de verdade nisso?*

AA: Nenhuma, nenhuma. Isso daí são pessoas querendo denegrir a imagem do capitão João Bezerra, depois coronel. Eu tava comentando até com o capitão. Olha, isso daí dá uns ciúmes desgraçados, viu? O cara se tornou um herói nacional. Getúlio recebeu João Bezerra. Então, os outros que durante anos, anos e anos perseguiram Lampião foram passados pra trás. Os Nazarenos que a Luitgarde elogia tanto, eram tão bandidos quanto Lampião. Essa é a verdade. Queira ou não queira, me desculpa, mas eles eram farinha do mesmo saco que tinham convivido juntos. O pensamento deles era igual ao de Lampião. Você sabe por que eles não entraram pro cangaço? Porque Lampião entrou no cangaço, isso daí foram eles que contaram pra mim, eu tenho gravado. O irmão de Davi Jurubeba, João Gomes Jurubeba, contou pra mim: - “Eu nunca quis ser soldado ele falou.” – “Eu entrei pra perseguir porque Lampião entrou, foi ser cangaceiro, eu tinha que ser soldado”, ele falou. Amaury não inventa, viu? Pode, pode crer. Aliás, eu nem preciso inventar, porque são coisas tão fantásticas que eu contando...

TCRM: *Da mesma forma, professor, as acusações que pesam sobre João Bezerra de que ele forneceu arma, vendeu munição...*

⁴⁶ A resposta neste ponto fica um tanto confusa. Em verdade Amaury nega a hipótese levantada por Sila, segundo a qual as luzes piscando poderiam ser lanternas usadas pelos policiais.

AA: Eu contesto, é claro. Por quê? Aquilo tinha controle ou será que eu estou inventando, que estou mentindo? Tem controle, não tem? Lógico. O sujeito não saía tirando como queria, não. Ele tinha que dar conta de onde ele gastou aquela munição. Esse negócio de que Lampião jogou baralho com João Bezerra. Conteí que Antônio Brito, senhorzinho do Jerimum, recebeu na casa dele Lampião. Ele era avô da Dona Cira, mulher de João Bezerra, isso antes de 1931, antes de 1930, ele recebeu para jogar baralho, essas coisas. João Bezerra jogou baralho. O sogro dele era um fazendeiro muito rico e bandido. Ele pegava você para trabalhar. -“Olha, capitão, eu trabalhei um mês e queria receber”. -“Ah, tá bom. Vai para o fundo do São Francisco”. Isso matou muita gente.

MN: Agora, voltando, João Bezerra não forneceu armas. A polícia dificilmente forneceria porque havia um controle. Então, quem fornecia arma e munição?

AA: Aí você bateu na tecla! Nunca ouvi um cangaceiro falar de peito aberto. -“Olha, comprei arma de ciclano, fulano”. Dadá falava: -“Não se cospe no prato que se comeu”. Rapaz, olha, isso eles mantiveram em segredo, a mim nunca chegou. Olha, Zé Sereno contou para mim como ele conseguiu uns fuzis. Foram dois ou três. Ele citou um cidadão que tinha um carro que ia para Aracaju. É bom o senhor saber. O Zé Sereno pegou, vamos dizer, dois fuzis dele, do grupo dele, já estavam lascados. Foram entregues para trocar com dois fuzis novos e teve o dinheiro. Quer dizer, é possível isso? Aí eu acredito. E ele falou que fez isso.

TCRM: Eu já li algumas afirmações, segundo as quais, o ingresso da mulher no cangaço representou o começo do fim do cangaço. Uma série de situações, que obrigava os cangaceiros estacionarem por mais tempo, a questão da gestação, de qualquer forma, porque atraía problema.

AA: Quanto a isso, o pessoal diz que Lampião comentava. Quer dizer, eu ouvi isso da boca da pessoa que foi comentada. A Dadá diz que Lampião dizia: -“Compadre Corisco é um homem de sorte porque a mulher dele não empata em nada, nem quando tava grávida”. Ela era de uma fortaleza, numa ocasião, a volante estava atrás, estava chovendo, atravessou o riacho, parou embaixo de um pé de umbu, teve a criança e diz que meia hora depois estava caminhando, quer dizer, era de uma resistência anormal. É possível que Lampião realmente tenha dado esse elogio. Pronto, não precisa ir tão longe. Ângelo Roque, você chegou a conhecê-lo? O Ângelo Roque diz e até coloquei na contracapa do meu livro “Dadá e Corisco”, na primeira edição, Ângelo Roque dizendo: - “Dadá valia mais do que muito cangaceiro”. Deve ter fundamento.

MN: O prof. Pinheiro, que é colega nosso aqui, ele me pediu para perguntar quando é que você considera que o Cangaço, efetivamente, ficou extinto? Qual é o marco temporal disso?

AA: Eu acredito que foi com a morte de Corisco e Dadá, extinguiu tudo. Não teve jeito. Aconteceram alguns lampejos de cangaço em Pernambuco com o Concriz.⁴⁷ Já viu falar? Foi em 1946, Concriz, pegou um bandozinho, ficou seis meses. Não tinha condição, não tinha o apoio de rede de coiteiros, não tinha nada.

TRCM: *Eu tenho uma última questão, professor. É a participação da mulher efetivamente no combate. Eu passei a observar que as fotos, por exemplo, Lampião quando invade Ribeira do Pombal, está com o bando dele, não tem nenhuma participação feminina e outras fotos da mesma forma. Ao contrário, quando essas fotos são montadas ou como no filme de Benjamin, está lá a presença da mulher, com arma na mão. O que também me leva a questionar essa coisa. Será que efetivamente elas estavam lá, na linha de frente do combate?*

AA: Isso daí, o Benjamin nunca fotografou um combate e nunca filmou um combate. As mulheres que estavam, é porque estavam num coito, aquele grupo de cangaceiros tinham plena certeza de que estavam imunes à perseguição. Então, ele pegou e filmou e fotografou essas pessoas. Agora, mulher combatendo, Dadá diz que quem sabia atirar, de mulher era a Moça de Cirilo, mas nunca participou de um combate. Ela, Dadá, participou porque o Corisco ficou aleijado, o pessoal vinha matar Corisco e matá-la, ela atirou.

MN: *Uma curiosidade. A expressão coito, como é que ela surgiu no cangaço? Porque coito num outro patamar seria relação sexual. E como é que isso surge como denominador de esconderijo?*

AA: Olha, isso daí eu acho, no tempo de Sr. Pereira já tinha e eu acho que no tempo do Antônio Silvino. Provavelmente é no tempo de Antônio Silvino. Coito é abrigo, né? Coito é abrigo. Coiteiro é quem dá abrigo.⁴⁸

LUCAS VIANA: *Eu queria fazer também duas perguntas. Professor Amaury, qual foi a sua motivação, o que te motivou a escrever esse livro “Lampião, as Mulheres e o Cangaço”?*

AA: Eu tinha muita informação sobre mulher, só pode ter sido isso, viu? Só pode ter sido isso. Como eu tinha muita informação e o Zacarias havia me intimado, que eu não podia guardar nada que eu tinha que botar pra fora, eu acabei fazendo esse livro. A primeira edição foi de 1982, se não me falha a memória.

⁴⁷ Sobre esse personagem, apesar de buscas em diferentes fontes, nada encontramos sobre ele.

⁴⁸ Consultamos dicionários on-line e o Houaiss e neles encontramos a confirmação de que o termo também se aplica a esconderijo.

LV: *Eu vi aqui que tem um capítulo sobre o sexo. Como era a dinâmica da vida sexual entre os cangaceiros e as cangaceiras?*

AA: Olha, era uma bela porcaria. Não tinha esse negócio de agrado, de beijo, de nada, era abrir a perna e mandar brasa. Isso, segundo Sila. Ela falou pra mim que nunca beijou o marido dela na vida, nunca fez qualquer agrado, nada e vice-versa. Outras cangaceiras eu acredito que deve ter seguido no mesmo caminho, viu? Olha, eu acho uma boa pergunta. Eu acho que Durvalina que eu já citei, que é Durvinha, e que viveu com o Virgínio, mesmo depois da morte dele, até há pouco tempo atrás, ela elogiava, gostava, ela diz que gostava dele, pele macia, não sei o que, quer dizer, então essa pelo menos teve um contato. As outras, não conheço nenhuma que tenha elogiado nada de sexo.

LV: *Mas, como era essa relação com o sexo dentro do acampamento, por exemplo?*

AA: O pessoal tá aqui, a gente tá três metros pra cá e não tinha problema nenhum. Tanto é que o rastejador diz que muitas vezes falava: -“Olha, aqui teve o grupo de fulano, beltrano, tinha tantos homens, tantas mulheres, aqui, olha, aqui eles fizeram, viu? Teve uma relação”. Depois de muito examinar: -“Parece que tem a marca aqui, da cabeça”. Não sei como, mas o cara descobria.

LV: *É, até porque as marcas deviam se repetir e criavam um padrão. E em relação à dinâmica da gravidez, como era a gravidez nos grupos?*

AA: Cada mulher, volto a Dadá, dizem que Dadá não tinha problema nenhum. Dadá teve sete filhos no cangaço. Não tinha problema, enfrentava tudo com galhardia. Agora, dizem que algumas mulheres iam dois, três meses antes de parir iam pra um lugar, ficar pra descansar. Essas questões são pessoais, cada pessoa reage de uma forma. Eu acho que até hoje é assim, eu acho que muitas dessas moças aí na hora de parir devem agir de uma maneira, outra agir de outra. Eu acho que para isso não se estabeleceu um comportamento padrão.

MN: *Não devia ser uma coisa fácil pra elas!*

AA: Prá elas não! Quando tinha criança a primeira oportunidade era mandar embora. Não é que mandasse pra família de quem teve a criança, mandava pra um promotor, pra um juiz, pra um fazendeiro.

MN: *Uma coisa que eu tô me lembrando agora é o seguinte, o cangaço era um caminho sem volta tanto pra homem quanto pra mulher. Entrou não podia sair. É procedente essa informação?*

AA: Sim, sim. Sem dúvida.

MN: *Em relação às mulheres inclusive elas eram induzidas a buscar um novo companheiro dentro do bando. Verdade?*

AA: Algumas que não quiseram até foram mortas e outras foram mortas porque traíram o companheiro. Rosinha não, Rosinha morreu de parto, Adelaide também. Mas teve Lili foi morta porque traiu o companheiro, Cristina de português também foi morta porque traiu, a Lídia.

LV: *Então era pré-requisito pra mulher estar casada com cangaceiro para estar no bando.*

AA: Exatamente. Não tinha a companhia feminina isolada. Lá tinha que ter o companheiro.

MN: *Coisa curiosa também é que os homens usavam o artifício do codinome. Poucas exceções, como Lampião e Corisco, que eram muito conhecidos. Mas os outros, tanto que são vários com mesmo codinome que causam muita confusão. Mas as mulheres não. Você sabe a razão porque isso não foi adotado em relação às mulheres?*

AA: Olha, eu nunca ouvi falar de que uma mulher tenha morrido e outra entrado no bando com o mesmo nome, nunca ouvi falar, não sei o porquê.

MN: *Uma outra curiosidade que eu tenho é porque Maria estaria costurando uma roupa?*

AA: Sila.

MN: *Sila, fazendo uma roupa para um sobrinho de Lampião que havia ingressado no bando. O que foi feito desse rapaz? Tem alguma notícia dele?*⁴⁹

AA: Tem. Era filho de uma irmã de Lampião. Filho da primeira irmã dele. Depois do combate, o combate foi dia 28 de julho, no mês seguinte ele apareceu na casa da tia dele em Recife. Não na cidade de Recife, era ali perto. Bom, o rapaz foi lá, ficou mais ou menos um mês lá. Sumiu. Voltou depois que a família tinha mudado para Delmiro Gouveia. Ele voltou no ano de 1956 com malária. Ficou, parece que um ou dois meses lá. Bom, ficou até sarar. Na hora que melhorou, sumiu no mundo. Ouvi dizer que ele está em Goiás, mas tentei de toda maneira descobrir e não consegui. Aqui em Salvador ele fez uma reportagem interessante, deu entrevista, no “A Tarde”. Eu acho que foi em 1939. Luiz Rubens tem a reportagem.

⁴⁹ José Ferreira dos Santos, esse era o nome de batismo do rapaz. Filho de Virtuosa Ferreira.

LV: *Professor, a gente conversando, a gente já falou que, na verdade, muita pouca coisa mudou dentro da dinâmica de organização do bando, em termos de estratégias de combate. Mas, em termos de comportamento, de relações socioculturais dentro do bando. O que mudou com a chegada da mulher?*

AA: Eu acho que, por exemplo, os cangaceiros gostavam muito de dançar. Sempre que possível faziam um baile lá, quando havia possibilidade. Eles começaram a fazer bailes, quer dizer, já levavam a própria dama. Quando eles faziam um coito ali numa fazenda: - "Vamos fazer uma festa, porque é aniversário do fazendeiro". Arrumavam uma motivação e as mulheres participavam.

BIBLIOGRAFIA

BELARMINO. Manoel. COSTA. Rangel Alves da. **Zé de Julião. A Saga de um ex-cangaceiro de Lampião.** Editora Oxente. Poço Redondo. Sergipe. 2020. 206 p. il.

IRMÃO. José Bezerra Lima. **Lampião. A Raposa das Caatingas.** 3. Edição. JM Gráfica Editora. Salvador. Bahia. 2015. 736 p. il.

OLIVEIRA. Bismark Martins de. **Cangaceiros de Lampião de A a Z. 2.** Edição. Revista e Ampliada. Mídia Gráfica e Editora. João Pessoa. Paraíba. 560 p. ol.

OLVEIRA. Bismark Martins de. **Forças Volantes. Os homens que combateram Lampião de A a Z.** Mídia Gráfica e Editora. 2022. João Pessoa. Paraíba. 524 p. il.

OUTRAS FONTES

Sites, blogs, plataformas e numerosos outros conteúdos e formatos amplamente disponíveis nas redes sociais, alguns deles especializados no assunto e facilmente encontráveis na internet.